



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

ÁREA DE PSICOLOGIA CLÍNICA

O ESPAÇO PSÍQUICO NA PSICOSE INFANTIL: SUA EXPRESSÃO NO
RORSCHACH

Raquel Duarte Rica Mendes

Orientador de Dissertação:

Jaime Coelho

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Jaime Coelho

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Jaime Coelho, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, n.º 19673/ 2006 publicado em Diário da República 2.ª série de 26 de Setembro, 2006.

NOME: Raquel Duarte Rica Mendes

N.º 15251

CURSO: Mestrado Integrado em Psicologia

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Psicologia Clínica

ANO LECTIVO: 2007/ 2008

ORIENTADOR: Jaime Coelho

DATA: 15 de Janeiro de 2009

TÍTULO: O espaço psíquico na psicose infantil – sua expressão no Rorschach

RESUMO

O desafio a que nos propusemos foi o de aprofundar a compreensão sobre a psicose, procurando encontrar o (s) sentido (s) de um universo aparentemente desligado e sem significado. O nosso enfoque incidu no espaço psíquico do psicótico, como é construído e como se apresenta, delimita e comunica com o que o rodeia. Analisámos o protocolo de Rorschach de uma criança de 8 anos, psicótica, à luz da teoria psicanalítica. Deparámos-nos com a dificuldade de identificação com uma imagem humana e com a aglomeração de qualidades de diferentes objectos numa mesma figura, o que parece reflectir a ausência de uma imagem de si unitária e íntegra.

Palavras-chave: Delimitação; Diferenciação; Ligação

TITLE: The psychic space in child psychosis – its expression on Rorschach

ABSTRACT

Our purpose was to develop our understanding about psychosis, searching to find the meaning(s) of a universe apparently disconnected and unreasonable. We focused on the psychotic's psychic space, its construction, presentation, delimitation and communication with the surroundings. We analysed the protocol of an eight-year-old psychotic child, by the light of psychoanalytic theory. We observed the difficulty in identification with a human image and the agglomeration of qualities of different objects in the same figure, which seems to reflect the absence of a self image full and unique.

Key-words: Delimitation; Differentiation; Connection

Índice

1. Introdução:.....	
<i>Percurso evolutivo do trabalho, a emergência do tema, a definição do objectivo e dos meios para o atingir – O espaço na psicose infantil: sua expressão no Rorschach.....</i>	1
2. O espaço psíquico:.....	3
2.1. Emergência e desenvolvimento do conceito:.....	
<i>Revisão bibliográfica sobre o conceito: os contributos da psicanálise através de autores como Klein, Bion, Meltzer, Grotstein, Bick, Houzel e Anzieu.....</i>	3
2.2. O espaço psíquico na psicose:.....	
<i>A perturbação na constituição de fronteiras, limites e continentes que possibilitam a existência de um espaço próprio delimitado e diferenciado do que o rodeia.....</i>	14
2.3. Síntese e integração:.....	20
3. O Rorschach.....	22
3.1 Caracterização do material.....	22
3.2. Fundamentação teórica.....	
<i>Contexto de aparecimento e posteriores desenvolvimentos do Rorschach; importância da abordagem psicanalítica no contexto do trabalho a ser desenvolvido – o espaço psíquico e o Rorschach.....</i>	23
3.3. O Rorschach na clínica infantil.....	
<i>Especificidade do Rorschach aplicado a crianças: a grande amplitude dos movimentos expressivos e o primado da expressão fantasmática.....</i>	29
3.4. Rorschach e psicose.....	
<i>Expressões da indiferenciação dos espaços eu/ outro, interno/ externo, real/ imaginário em alguns estudos que utilizam o Rorschach como meio de acesso à compreensão da psicose.....</i>	31
3. 5. Parâmetros de análise.....	
<i>Os eixos interpretativos – a representação de si e os processos de ligação/ desligação – e os indicadores de base à análise dos traços salientes do psicograma.....</i>	37

4. Análise do protocolo de Sara.....	41
4. 1. Análise qualitativa (cartão a cartão).....	
<i>Análise intra e inter-cartões, na procura do significado dos vários movimentos expressos, tendo por base os eixos interpretativos previamente estabelecidos.....</i>	<i>41</i>
4. 2. Análise quantitativa.....	51
4. 2. 1. O psicograma.....	51
4. 2. 2. Análise dos traços salientes do psicograma.....	
<i>Análise das características que se destacam do psicograma, segundo os indicadores previamente estabelecidos enquanto reveladores da problemática do espaço psíquico.....</i>	<i>52</i>
5. Discussão.....	54
6. Conclusão.....	57
Referências bibliográficas.....	60
ANEXOS: Protocolo de Sara.....	

1.Introdução

Perante a possibilidade de desenvolver um trabalho de investigação, num qualquer domínio à nossa escolha, levámos a cabo algumas leituras em várias áreas da psicopatologia, de onde a psicose se destacou. Tratando-se de uma realidade onde a perturbação e a confusão imperam, pelo afastamento face ao que é partilhado e partilhável, face ao “funcionamento normal”, atingir a sua compreensão seria, de facto, um desafio. E, no entanto, o mundo da psicose não deixava de nos intrigar: Como seria este mundo? O que o animaria? O que faltaria a estes indivíduos? O que estaria na origem deste tipo de registo?

Das leituras que, entretanto, levámos a cabo, a noção de “mundo” parecia caminhar em direcção à noção de “espaço”. O “espaço na psicose”. Que espaço seria este? Que questões englobaria? O tema parecia tão vasto como a própria noção de espaço.

Na revisão bibliográfica de corrente psicanalítica, o conceito de “espaço psíquico” assumiu contornos mais definidos. Emergem as questões ligadas à delimitação deste espaço, às suas fronteiras com o mundo externo, que possibilitam a integração da personalidade, dos conteúdos psíquicos e, ao mesmo tempo, a comunicação desta realidade interna com o exterior. Entre os autores que se debruçam sobre estas questões destacamos Bick (“pele psíquica”), Anzieu (“ego-pele”) e Houzel (“envelope psíquico”).

A forma como o espaço psíquico se constitui em unidade distinta e individual foi sendo clarificada por autores como Melanie Klein, Bion e Meltzer.

O contributo essencial de Klein foi a explicitação do conceito de identificação projectiva como mecanismo precoce do sujeito para lidar com angústias intoleráveis, clivando e projectando no objecto as partes “más” do self. O sujeito permaneceria numa relação de indistinção com o objecto, sem se constituir como entidade diferenciada. Embora a autora não se refira à noção de espaço psíquico, na definição dos conceitos de clivagem e identificação projectiva está implícita a existência de um mundo no interior do indivíduo – “mundo interno” ou “geografia do corpo maternal” – e no interior dos seus objectos de vinculação.

É Bion o primeiro a acentuar o carácter normal do mecanismo de identificação projectiva, ao serviço da formação do espaço psíquico. Presente desde o início da vida, este processo permitiria a comunicação entre mãe e criança, de forma para que aquela pudesse sentir o que esta sente e, através da capacidade de rêverie, exercer a função continente das suas ansiedades (modelo de relação continente/ conteúdo). A interiorização pela criança das partes do self

projectadas (agora toleráveis, pois com significado atribuído pela mãe), e da própria função continente, possibilitaria a constituição do espaço psíquico como unidade coerente e integrada, a par da aceitação progressiva da realidade e seus constrangimentos. O espaço psíquico seria diferenciado do exterior, sem deixar de se relacionar com ele, através da sua representação simbólica, através da capacidade de pensar.

Meltzer postula a evolução dimensional do espaço psíquico desde um estado de indiferenciação entre sujeito e objecto até à constituição de uma identidade única e delimitada temporal e espacialmente, por meio da acção de mecanismos projectivos e introjectivos. Autores como Grotstein e Houzel referem uma evolução semelhante do espaço psíquico.

A teoria do espaço potencial de Winnicott afigura-se importante, na medida em que torna compreensível a forma como a criança pode tolerar a consciência de separabilidade da mãe e constituir uma realidade interna com potencialidades criativas. O espaço potencial situar-se-ia entre os mundos interno e externo, permitindo a comunicação mútua, à medida que o espaço psíquico da criança evoluiria de forma diferenciada e integrada, comunicando com o mundo externo pela simbolização e criatividade.

Os trabalhos de diversos clínicos, entre os quais Bion, com indivíduos psicóticos parecem revelar que, subjacente à confusão e desintegração, está a ausência de um espaço psíquico próprio, delimitado do que o rodeia, permitindo a distinção entre o que deriva do indivíduo e o que pertence à realidade externa, entre real e imaginário. Como obstáculo à constituição de um espaço psíquico próprio está a acção patológica, incessante e destrutiva, do mecanismo de identificação projectiva que não permite a reintegração dos aspectos do self projectados, pelo que sujeito e objecto permanecem confundidos. Esta evolução deriva da incapacidade da mãe em tolerar as projecções da criança ou da intolerância à frustração e de sentimentos de inveja da própria criança face à capacidade materna de conservar alguma tranquilidade apesar de experienciar as sensações desagradáveis.

A estrutura continente do psiquismo não se constituiu como delimitação face ao exterior, garantia de integridade e coerência face ao outro e lugar de interacção e equilíbrio entre real e fantasia. É a esta perturbação dos limites do espaço psíquico que se referem Bick, com a noção de “segunda pele”; Anzieu, que fala na função tóxica do “ego-pele”; e Houzel, quando refere as falhas de encerramento, conexidade e orientabilidade do “envelope psíquico”.

As questões ligadas à patologia do espaço psíquico são abordadas por outros autores, entre os quais Tustin e Sami-ali. Tustin, através do trabalho que desenvolveu com crianças

autistas, contrapõe o estado de não-integração deste funcionamento ao estado de desintegração da psicose, onde, apesar da confusão entre espaços interiores e exteriores, espaço próprio e do outro, derivada da acção da identificação projectiva, já existe alguma consciência de espaço, enquanto no autismo esta noção não chega a ser adquirida.

Sami-Ali, considerando a patologia como desequilíbrio psicossomático, descreve o “espaço de inclusões recíprocas” como característico da psicose onde, pelo domínio da projecção sobre a percepção, do imaginário sobre o real, o contrário se transforma em idêntico e se convertem no mesmo o espaço próprio e o do outro, bem como o espaço entre ambos.

A metodologia que considerámos poder traduzir as questões da delimitação e organização do espaço psíquico foi o Rorschach, suportado pelas concepções e modelos psicanalíticos. Quer pela instrução, quer pela intersubjectividade estabelecida entre sujeito e clínico, esta metodologia apela a movimentos perceptivos e projectivos, ao respeito pelo real e à expressão fantasmática. O resultado, as respostas Rorschach, revelará como se diferenciam e relacionam sujeito e objecto, realidade interna e realidade externa, real e imaginário, estando implícita a noção de espaço psíquico enquanto garantia de individualidade.

A nossa análise incide sobre o protocolo de Rorschach de uma criança de oito anos com perturbação psicótica, na medida em que consideramos poder revelar esta falha precoce na integração do espaço psíquico, numa altura em que a diferenciação eu/ outro, interno/ externo, real/ imaginário deveria estar estabelecida e, inclusivamente, fortemente investida.

2. O espaço psíquico

2.1. Emergência e desenvolvimento do conceito

O conceito de “espaço psíquico” emerge com o deslocar progressivo do estudo dos conteúdos psíquicos (fantasmas conscientes e inconscientes, afectos, representações de objecto, objectos internos), preocupação da Psicanálise durante muito tempo (ligados ao estudo das neuroses), para o estudo dos continentes psíquicos, através do trabalho clínico com crianças, psicóticos, estados-limite, grupos e famílias (Houzel, 1994). O confronto com patologias revelando incapacidade de união das diferentes partes da personalidade, tornou necessário descrever uma estrutura para definir os limites da personalidade, mas também o

processo pelo qual as diferentes partes do self se organizam num todo. Falar de “espaço psíquico” é falar dos seus continentes, fronteiras que lhe permitem uma existência organizada.

Embora Freud se tenha debruçado essencialmente sobre o estudo dos conteúdos psíquicos, esboçou a questão de uma estrutura limitante e continente do psiquismo através do conceito de Ego, que designou como instância diferenciada de uma camada superficial do Id a partir do contacto com a realidade externa; uma projecção mental da capacidade perceptiva (nomeadamente da superfície cutânea), que trava a circulação livre de energia e evita a ruptura das barreiras que delimitam os mundos perceptivo do psíquico (Houzel, 1987, 1994).

Melanie Klein (*in* Segal, 1991/ 1993b) refere de forma mais concreta o conceito de realidade psíquica. Embora não tenha usado a expressão “espaço psíquico”, fala de um “mundo interior” ou “geografia do corpo maternal”, povoado pelos objectos internos e partes do self. Com a teoria do mundo interno, Klein representa a mente como um teatro, com personagens em relação e em conflito entre eles, do qual deriva um significado levado ao mundo externo e às relações exteriores. É a partir da descrição dos conceitos de clivagem e identificação projectiva que a autora (*in* Meltzer, 1984) introduz a ideia de que existe um mundo diferente no interior de um indivíduo e no interior dos seus objectos de vinculação. O conceito de identificação projectiva irá revelar-se central no desenvolvimento teórico posterior no que respeita à construção e organização do espaço psíquico.

Segundo Klein (*in* P. Daniel, 1992/ 1994), os objectos que povoam o mundo interno do indivíduo, embora distintos dos objectos parentais reais, estão em interacção com eles e são por eles influenciados. Resultariam da introjecção, na fase oral da primeira infância, de partes dos seus pais, nomeadamente o seio materno. Desde o início da vida, na posição esquizoparanóide, o bebé introjecta o seio da mãe e repetidamente cliva os seus bons e maus aspectos, com o objectivo de introjectar os bons e projectar e aniquilar os maus. Isto permite-lhe odiar e desejar aniquilar o objecto mau, idealizar e conservar o bom, pelo que o seu mundo alterna entre uma vivência idealizada e uma situação persecutória (na ausência do objecto). Ainda segundo a autora (*in* J. Steiner, 1992/ 1994) o ego é clivado de modo semelhante, e um self mau é mantido tão separado quanto possível de um self bom. Na dimensão espacial, self e objecto são vistos como sendo constituídos de partes do corpo e não estão ainda integrados numa pessoa inteira.

Tal é possível através do mecanismo de identificação projectiva, que Klein (*in* Segal, 1991/ 1993b) descreve como fantasia onipotente pela qual toda ou parte da personalidade

sentida como má entra no interior do corpo e psiquismo do outro, servindo não só para o danificar, como para o controlar e possuir os seus conteúdos. Este não é vivenciado como separado, mas como uma parte má do self, contra a qual dirige o seu ódio, conduzindo ao empobrecimento do próprio self (projectado no outro) e a sentimentos de confusão mental, pela não distinção entre mundos interno e externo.

Segal (1991/ 1993a) refere que enquanto a identificação projectiva predominar e a parte mais importante do ego permanecer identificada com o objecto, também o símbolo, criação do ego, irá confundir-se com o que é simbolizado. Este tipo de função simbólica, característica da posição esquizoparanóide, Segal denomina por “equação simbólica”.

Entretanto, segundo Klein (*in* Segal, 1991/ 1993b), a vida mental do indivíduo em crescimento será afectada de modo crucial pela capacidade de reconhecer e tolerar a discrepância entre fantasia e expectativa onipotentes e a realidade. Mas o verdadeiro campo de batalha para o estabelecimento de uma relação madura com a realidade está no movimento da posição esquizoparanóide para a depressiva, com a retirada gradual das identificações projectivas, juntamente com a mudança de conteúdo e intensidade da projecção. Isto possibilita uma percepção mais verdadeira da mãe como pessoa separada, com continuidade e características boas e más, e de si próprio, com impulsos contraditórios de amor e ódio em relação a ela. A onipotência diminui e a aceitação da diferenciação entre self e objecto leva à diferenciação entre fantasia, um produto do self, e realidade, que está fora. Este processo possibilita ainda (Klein *in* R. Britton, 1992/ 1994) que, com o abandono da expectativa de realização do mundo ideal no mundo material, mundos psíquico (objecto ideal) e material (objecto real) sejam distinguidos, renunciando-se ao objecto no mundo material para o instalar no mundo psíquico ou interno

Segundo Segal (1991/ 1993a), com a instauração da posição depressiva, a representação simbólica entra em funcionamento: o reconhecimento da separação entre sujeito e objecto, entre interno e externo, permite o aparecimento do símbolo propriamente dito, que representa o objecto, mas não é inteiramente equacionado a ele. Torna-se possível a comunicação do mundo interno com o externo, bem como a comunicação interior entre as várias partes do ego.

R. Britton (1992/ 1994) refere que os fenómenos da posição depressiva envolvem passos fundamentais em direcção à integração psíquica, mas que esta transição não ocorre sem sofrimento. Não se trata simplesmente da ampliação da percepção e do conhecimento, mas da ruptura do mundo psíquico existente no bebé, pois os mundos separados de amor e ódio em

alternância são agora um só. Segundo Klein (*in* Segal, 1991/ 1993b), a consciência da mãe como um todo acarreta a culpa pela destruição que teme ter infligido à mãe que ama e da qual necessita. Surgem impulsos de desejo de reparação do objecto, só possível, segundo Segal (1991/ 1993a), pela criação de símbolos que permitirão superar a perda do objecto, protegendo-o simultaneamente da agressividade do sujeito.

Segundo Klein (*in* E. Spillius, 1992/ 1994) este é o processo de desenvolvimento normal, onde clivagem e identificação projectiva servem a diferenciação básica entre bom e mau e entre self e o outro. É fundamental que a criança introjecte o objecto bom, isto é, internalize uma imagem predominantemente benigna da mãe, formando a base de todos os relacionamentos amorosos, estáveis e reparadores no futuro (Klein *in* P. Daniel, 1992/ 1994).

A utilização patológica da identificação projectiva pode dar-se tanto ao nível projectivo, ficando o self esvaziado por esforços constantes de livrar-se das suas partes e aprisionado no interior do objecto (no que Meltzer designa por “claustrum”), como ao nível identificatório, caracterizado por um interesse quase imediato de apropriação das qualidades e capacidades do objecto (Klein *in* Meltzer, 1984). Esta evolução estaria associada à incapacidade para perceber o bebé revelada no modo de relação dos primeiros objectos (Klein *in* Dias, 1988).

Na teoria do “espaço do pensamento”, Bion (*in* Meltzer, 1984) acentua o carácter realista da identificação projectiva, processo inerente a todo o funcionamento psíquico, ao serviço da comunicação primária. “A actividade que conhecemos como ‘o pensar’ foi na sua origem um procedimento para descarregar a psique do incremento de estímulos e o mecanismo descrito por Melanie Klein como identificação projectiva” (Bion 1962/ 1987, p.53)

Bion (1967/ 1988) pressupõe a existência de um grau normal de identificação projectiva que, associada à identificação introjectiva, constitui a base do desenvolvimento normal. Se mãe e bebé se ajustarem mutuamente, a identificação projectiva, em geral uma fantasia onnipotente, funciona neste caso de modo realista como uma conduta que premeditadamente visa despertar na mãe sensações das quais o bebé quer livrar-se. A mãe equilibrada consegue aceitar a projecção e reagir de modo a que o bebé sinta receber de volta a sua própria personalidade amedrontada de uma forma tolerável. Bion refere-se à capacidade de contenção da ansiedade da criança por parte da mãe como a função continente. O continente materno, segundo o autor (*in* Segal, 1991/ 1993b), recebe as angústias primitivas impensáveis da criança e modifica-as pela sua compreensão (capacidade de “rêverie”), de forma a que a criança as possa reintrojectar progressivamente no self. Neste intercâmbio, o bebé introjecta

também a capacidade de desempenhar a função continente do psiquismo. Segundo Houzel (1994), o continente psíquico a que se refere Bion constitui-se como estrutura que permite ligar os elementos projectados, evitando a sua dispersão num espaço sem limite.

Nas palavras de Bion (1967/ 1988) a “(...) comunicação originariamente se faz através de identificação projectiva realista. Poderá evoluir, caso a relação com o seio seja boa, e se transformar na capacidade de o self tolerar seus próprios atributos psíquicos, abrindo assim caminho para (...) o pensamento normal” (p.108).

Se a mãe não puder tolerar as suas projecções, a criança não terá alternativa senão recorrer à identificação projectiva com força e frequência crescentes, o que fará com que sinta que se retirou da sua sensação o significado que ela contém. A sua reintrojecção far-se-à com igual força e frequência, trazendo de volta os seus medos, agora ampliados pois sem atribuição de significado –“terror sem nome” (Bion, 1967/ 1988).

Por outro lado, a capacidade de engrenar a fantasia onipotente de identificação projectiva na realidade está directamente relacionada com a tolerância à frustração por parte do bebé. Se ele for capaz de tolerar a ausência do seio, não disponível para satisfação das suas necessidades em determinado momento, poderá permitir-se ter um sentido de realidade, ser dominado pelo princípio da realidade. A utilização da identificação projectiva como fantasia onipotente não deixará de ser realista, se funcionar como meio para suavizar a frustração quando predomina o princípio da realidade, como capacidade de pensamento (Bion, 1962/ 1987). “Se a capacidade de tolerar a frustração for suficiente, o não-seio se transforma num pensamento e desenvolve-se um aparelho para ‘pensá-lo’(...)” (Bion 1967/ 1988, p.103).

Se a incapacidade de tolerar a frustração predominar, o não-seio será sentido como seio mau, indistinguível de uma coisa em si e que se presta apenas à evacuação. Em vez do desenvolvimento de um aparelho de pensar, dá-se um desenvolvimento hiperatrofiado do aparelho de identificação projectiva, conducente à confusão entre self e objecto externo, fantasia e realidade (Bion, 1967/ 1988). Face à frustração o “(...) problema soluciona-se por meio da evacuação se a personalidade é dominada pelo impulso de fugir à frustração, ou pensando os objectos se a personalidade é dominada pelo impulso de modificar a frustração” (Bion 1962/ 1987, p.115).

No modelo bioniano da actividade do pensamento é enfatizada a relação entre afecto e simbolização, na medida em que a última só poderá surgir quando se estabelece um elo verdadeiro entre dois indivíduos ou duas partes do mesmo indivíduo, experiência emocional

que irá modificar ambos os protagonistas, não só o sujeito e o seu objecto externo, como também o ego do sujeito e os objectos internos (*in* Bégoin-Guignard, 1989).

A capacidade de experienciar, de forma consciente e tolerável, o espaço, em tempo e distância, entre o ir e o vir do objecto primário é denominada por Grotstein (1978) como identificação coesiva, permitindo à criança representar os aspectos separados da sua existência – representação do objecto contendo a representação do self. “Se a criança pode ‘conter’ este espaço na ausência do seu objecto, ela é capaz de iniciar e expandir o seu sentido de espaço e é capaz assim de estar separada” (*op. cit.*, p.56). O conteúdo mental necessita dum separação prévia, dum espaço entre si e o seu continente (objecto), “(...) o self deve permitir ao objecto estar separado (um espaço entre) de maneira a que a representação do objecto seja um continente para a representação do self” (*op. cit.*, p.56). A capacidade de experienciar o espaço é o primeiro aparato para a autonomia do ego, emergindo das sensações sobre a pele do recém-nascido e acordando-a com os seus receptores sensoriais para as funções de superfície, de fronteira entre self e não-self, de continente do self. Ao longo do desenvolvimento, para equilibrar o processo de autonomização, o fenómeno pele-fronteira é sujeito a duas vicissitudes em separado: diferenciação, através de um aparelho sensorial de percepção, e não diferenciação, por meio de identificação projectiva, com eliminação da consciência das percepções e fronteiras.

Segundo o autor, o desenvolvimento do self ocorre por meio de uma progressão espacial, com os correspondentes estados psicológicos, até ser alcançada a tridimensionalidade da vida psíquica. Numa dimensão nula, no início da vida, o sujeito permanece em estados de fusão-confusão entre self e objecto, em consequência da actuação do mecanismo de identificação projectiva. Aqui, continente do espaço psíquico e conteúdo são idênticos. A unidimensionalidade surge com o desenvolvimento de alguma consciência de separação e auto-consciência, sendo a experiência espacial, contudo, polarizada, sem ambiguidades. É o domínio da simbiose e da ansiedade persecutória, em que a partida da mãe boa é indistinguível da aproximação da mãe má. Progressivamente, alguma diferenciação ocorre, mas falta profundidade nas personalidades dos sujeitos que, igualmente, não percebem em profundidade o mundo que os rodeia e as relações que encontram, sentidas como bidimensionais. A catástrofe surge no confronto com mudanças e experiências inesperadas. Finalmente, entra-se no terreno da separação-indivuação, onde a ansiedade persecutória se torna depressiva e o continente espacial da mente alcança uma visão dos seus objectos em e

com profundidade (contéudos). É o domínio da tridimensionalidade onde self e objecto são tidos como separados e objectos parciais se tornam inteiros ou, dito de outra forma, objectos internos se tornam representações de objectos.

É precisamente quando o objecto é percebido como separado do eu, que Winnicott (1971/1975) postula a emergência de um espaço entre a mãe e a criança (nem dentro do indivíduo nem fora), um viver intermediário, com um lugar e um tempo, que nega a própria ideia de separação. Este espaço potencial ou transicional é preenchido criativamente com o brincar, gradualmente transformado na fruição da herança cultural. Aqui desenvolve-se o uso de símbolos que representam os fenómenos do mundo exterior e os da pessoa individual. “A criança traz para dentro dessa área da brincadeira objectos ou fenómenos oriundos da realidade externa, usando-os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal” (*op. cit.*, p.76). Dito de outra forma, “(...) a criança manipula fenómenos exteriores ao serviço do sonho e veste fenómenos externos escolhidos com significado e sentido oníricos” (*op. cit.*, p.76). Relacionada com o uso de símbolos e o estabelecimento de um self, está a possibilidade de comunicação sendo que “(...) somente no brincar é possível a comunicação, excepto a comunicação directa, que pertence à psicopatologia ou a um grau extremo de imaturidade” (*op. cit.*, p.76).

Este espaço dependerá da experiência do bebé na sua relação com a mãe. Ao revelar fidedignidade e confiança, durante um período suficientemente longo, a mãe promove a construção deste espaço potencial de desenvolvimento de um self autónomo na criança. “O brincar implica confiança e pertence ao espaço potencial existente entre (o que era a princípio) bebé e figura materna, com o bebé num estado de dependência quase absoluta e a função adaptativa da mãe tida como certa pelo bebé” (*op. cit.*, p.76).

Trata-se de um espaço que permite trabalhar as angústias de separação de forma criativa e promotora do desenvolvimento psíquico ao fazer a ponte entre mundos interior e exterior. O fracasso na transmissão dum sentimento de confiança e fidedignidade à criança, na ocasião da separação, retira significação ao espaço potencial, verificando-se uma ausência do uso criativo de objectos ou um uso relativamente incerto. Pode organizar-se uma defesa do self falso e submisso, que oculta o verdadeiro self com capacidade para o uso criativo dos objectos. Poderá ocorrer ainda um preenchimento do espaço potencial com sentimentos de outrém que não o bebé. “Parece que tudo o que provenha de outrém, nesse espaço, constitui material persecutório, sem que o bebé disponha de meios para rejeitá-lo” (*op. cit.*, p.141).

O autor refere-se à realidade psíquica interna como a “(...) propriedade pessoal de cada indivíduo na medida em que foi atingido certo grau de integração madura que inclui o estabelecimento de um eu (self), com a existência implícita de interior e um exterior, bem como de uma membrana delimitadora” (p.148). A fixidez desta realidade deriva da herança da organização da personalidade, de factores ambientais introjectados e de factores pessoais projectados. A sua constituição passa por uma evolução desde o relacionamento com objectos até ao seu uso criativo. No primeiro caso operam mecanismos de projecção e identificações de forma a que as partes do sujeito se encontram no objecto, visto como feixe de projecções. Face ao princípio da realidade, o sujeito passa a encarar o objecto como algo exterior, pertencente à realidade compartilhada, que pode usar de forma criativa. A esta mudança subjaz “(...) a colocação, pelo sujeito, do objecto fora da área do seu controlo onnipotente, isto é, a percepção pelo sujeito, do objecto como fenómeno externo, não como entidade projectiva; na verdade, o reconhecimento do objecto como entidade por seu direito” (*op. cit.*, p.125). Atingido este estágio, “(...) os mecanismos projectivos auxiliam no acto de *notar o que está ali*, mas não constituem *o motivo pelo qual o objecto está ali*” (*op. cit.*, p.125).

Segundo Chabert (1997/ 1998), é o reconhecimento do espaço potencial como dupla pertença ao interno e ao externo, ao fantasmático e ao perceptivo, que permite a diferenciação dos mesmos. A capacidade de situar-se neste entre-dois permitirá a utilização de um espaço psíquico próprio, constitutivo do sentimento de continuidade do ser; a área transitiva serve de matriz à criação do espaço psíquico interno, onde surgem os processos de mentalização.

Winnicott (1971/ 1975) enquadra a evolução do self na posição depressiva como descrita por Klein: “(...) o estágio a que me refiro em termos de ‘eu sou’ é estreitamente afim ao conceito de Melanie Klein (...) de posição depressiva. Nele a criança pode dizer: ‘Aqui estou. O que está dentro de mim é eu e o que está fora é não-eu’ ” (*op. cit.*, p.176).

A importância de um objecto externo contentor que confira ao bebé o sentimento de coerência interna é também frisada por Bick (1968/ 1991) na descrição de “pele psíquica”. Inicialmente, as partes da personalidade, indiferenciadas de partes do corpo, são sentidas como não tendo ligação entre si. Esta função de ligação caberá a um objecto continente externo que, depois de introjectado, permite diferenciar espaços internos e externos, possibilitando a comunicação primitiva entre mãe e bebé, através de mecanismos de projecção e introjecção; é o objecto continente primário que é sentido como pele, limite.

À semelhança de Bick, Anzieu (1985) refere-se à noção de “ego-pele”, como figuração do ego desenvolvida no decorrer de uma relação precoce securizante entre mãe e criança, nomeadamente na proximidade corporal e contacto cutâneo. Trata-se de uma representação mental da experiência da superfície do corpo, utilizada pela criança nas primeiras fases do desenvolvimento para delimitar interior e exterior, conter no interior o bom e o pleno da relação materna, sendo também um meio primário de comunicação com o outro que, em última instância, funda a possibilidade de ser e de pensar. Assim, os cuidados maternos conferem ao bebé um envelope exterior feito de mensagens que se ajusta com flexibilidade à criança, permitindo a constituição de um envelope interno na superfície corporal como elo e instrumento de emissão de mensagens, que lhe reconhece estilo, temperamento e unicidade.

A construção do “ego-pele” processa-se a partir da fantasia intrauterina de inclusão recíproca, de fusão narcísica primária com a mãe, dominante no psiquismo do recém-nascido como negação da própria nascença. A relação precoce permite que esta fantasia seja substituída pela de pele comum à mãe e à criança, como uma simetria que esboça a separação posterior, assegurando entre as duas partes uma comunicação sem intermediário, uma empatia recíproca, uma identificação adesiva. A extinção desta pele comum e o reconhecimento de que cada um tem a sua própria pele e o seu próprio eu, processa-se através duma dupla interiorização: da interface (ligação) que permite a criação de um envelope continente dos conteúdos psíquicos; e dos cuidados maternos que originam um mundo interior de pensamentos, imagens e afectos.

Meltzer (*in* Bégoïn, 1994), a partir do estudo da personalidade de crianças autistas, desenvolve o conceito de “espaço psíquico” (“mundo interno”, “geografia do fantasma inconsciente”), precisando as suas fronteiras, estrutura interna e dimensionalidade. Postula uma tripla fronteira, delineando quatro espaços ao nível da “geografia do fantasma”: interior e exterior do self, interior e exterior dos objectos. Considera que o desenvolvimento psíquico se processa segundo uma progressão espacial intrinsecamente ligada à noção de tempo: a evolução decorre a partir de um estado de não pensamento, de condensação espaço-tempo e de polarização da emocionalidade em termos de atracção e repulsão (mundo unidimensional); passando por um tempo circular, pois incapaz de conceber uma mudança durável ou um fim, ligado ao contacto pele a pele com o objecto, desprovido de interior, como o próprio sujeito (mundo bidimensional); e por um tempo oscilante, no decorrer do qual se alterna entre ficar no exterior dos objectos primários ou penetrar no seu interior por identificação projectiva

(mundo tridimensional); até alcançar a percepção de um tempo linear, um espaço-tempo entre o nascimento e a morte (mundo quadridimensional). A bidimensionalidade caracteriza o mundo do autismo, sem fronteiras, cuja finalidade é anular, através de uma identificação adesiva, tudo o que é sentido como um espaço interior do objecto ou do self, ou um espaço entre eles, anular uma alteridade. Na tridimensionalidade, self e objecto possuem um interior, tornando possível a comunicação através da projecção e reintrojecção (o self pode projectar partes suas no objecto para em seguida as reintrojectar). Há uma apropriação do objecto, na medida em que o sujeito pode levar a cabo uma identificação projectiva com o objecto interno na ausência do externo, graças à internalização da função continente. No entanto, a onipotência da fantasia de identificação projectiva permite a ilusão de reversibilidade da diferenciação, assim como do tempo. É só no mundo quadridimensional que este mecanismo assume um carácter funcional e já não defensivo contra a mudança, pela criação de um espaço estruturado com instalação definitiva da noção de tempo e maior protagonismo da identificação introjectiva. O resultado é o alargamento do pensamento e da fantasia, no dentro e no fora, dentro e fora do self.

Como outros autores, Meltzer prevê a utilização patológica da identificação projectiva. Distingue “identificação projectiva” e “identificação intrusiva”: no primeiro caso, um conteúdo é projectado num continente como forma arcaica de comunicação, permitindo a constituição do espaço psíquico e o seu crescimento (isto é, a formação de símbolos e o desenvolvimento de pensamento); no segundo, rompe-se a fronteira do objecto, apreendido de forma possessiva e onipotente, em “claustrum”, ficando o self clivado e projectado, aprisionado no outro, impedindo o crescimento psíquico.

Ainda com implicações ao nível da estruturação e organização do espaço psíquico, Meltzer (*in* Bégoïn-Guignard, 1989) desenvolve os conceitos de “objecto e conflito estéticos”. Designa como “objecto estético” o aspecto “belo” do mundo exterior, nomeadamente da mãe, tal como é percebido a nível sensorial pelo recém-nascido. Esta qualidade enigmática do objecto maternal pode suscitar no bebé uma experiência emocional desconcertante, que denomina por “conflito estético”. Segundo o autor (*in* Grotstein, 1978) este conflito resulta do gradiente de desconhecido entre as qualidades de superfície do objecto, percebidas de forma superabundante, e o mistério das suas qualidades interiores. A sua potencialidade estruturante dependerá da reciprocidade entre mãe e bebé, da apreciação estética um do outro. O investimento mutual deverá ser suficientemente idealizado para resistir ao impacto do espaço

e do tempo, até que, através de uma relação continente/conteúdo, permite a criação dum espaço no qual se desenvolva a noção de tempo (Meltzer *in* Bégoin, 1994). A atmosfera que permitirá ultrapassá-lo de forma satisfatória passará pela criação de um espaço privado de relação entre mãe e bebé, “retirado do mundo”, uma vez que o seu impacto estético poderá transtornar o mundo exterior e torná-lo hostil. O privado é o mundo interno de cada indivíduo, embora a mesma definição se possa aplicar a toda a relação íntima, apresentada ao mundo como “objecto combinado”, suscitando um conflito estético nos que são exteriores a essa relação (*in* Bégoin-Guignard, 1989).

Houzel (1994) analisa a teoria do espaço interno em quatro proposições: pluridimensionalidade, tripla fronteira, base concreta e organização. Descreve, à semelhança de Meltzer, uma evolução dimensional da vida psíquica e a existência de uma tripla fronteira do espaço psíquico.

Quanto ao estudo da fronteira entre espaço interior do self e espaço interior dos objectos externos, Houzel refere o importante contributo de Klein, ao mostrar as possibilidades de interpenetração destes dois espaços, na descrição do mecanismo de identificação projectiva. A fronteira entre espaço interno do self e espaço interno dos objetos internos terá sido a menos explorada, relacionando-se a sua existência com a distinção das formas de identificação narcísica aos “objectos do si” (identificação do self aos objectos internos por identificação projectiva). Diz Houzel que se trata da “(...) verdadeira identificação introjectiva que confere aos objectos internos a sua parte de mistério, de desconhecido, de inexplorado” (p. 943). O autor explora a fronteira entre espaço interno do self e espaço externo ao desenvolver o conceito de “envelope psíquico”.

Este “envelope psíquico” (Houzel, 1987) contém os objectos internos evitando a sua dispersão, ligando-os num conjunto coerente; funciona como para-excitação de energias exteriores; e delimita e conecta mundos perceptivo e imaginário, interno e externo. É uma elaboração mental da função de pele corporal, resultado da introjecção de qualidades sensoriais precisas (para além das qualidades afectivas) apercebidas na relação com os objectos. É esta a base concreta do espaço psíquico a que Houzel se refere.

Para que este envelope se constitua, o sujeito necessita inicialmente de um objecto “atractivo” (à semelhança do “objecto continente” de Bion) – o seio materno – como continente das pulsões orais primitivas a que dará forma estável e significação. Esta estabilidade a que se refere Houzel é estrutural, permitindo a organização dos conteúdos

apesar das constantes mudanças exteriores e conseqüente turbulência instintual e emocional (Houzel, 1987). Como diz o autor, a “(...) relação conteúdo-continente pode, parece-me, compreender-se, como um processo de morfogênese por estabilidade estrutural” (Houzel 1994, p. 943). Este processo só é concebível numa relação com um objecto que estabilize a turbulência pulsional, até que o sujeito gradualmente se autonomize pela internalização das relações com este objecto. Das qualidades plásticas do seio dependerão as qualidades plásticas do “envelope psíquico” (Houzel, 1987).

Esta auto-organização psíquica assenta, assim, sobre relações com os objectos exteriores, cujo aspecto interiorizável Houzel (1994) denomina objecto “atractivo”. “Não é nem o objecto exterior, nem o que a criança projecta neste objecto que é interiorizado no seu mundo interior, mas uma parte estável (...) da relação (...) e que ele pode interiorizar na ausência dos objectos externos” (*op.cit.*, p. 945).

Se os processos dinâmicos do psiquismo “(...) encontram um continente, isto é, uma estabilidade, no próprio funcionamento mental, e muito particularmente no funcionamento do pensamento, as experiências perceptivas e relacionais podem ter uma estabilidade estrutural, o que corresponde ao que chamamos de saúde mental” (*op. cit.*, p. 947). Contrariamente, não só observamos “(...) uma dinâmica psíquica caótica ou turbulenta, mas os aspectos perceptivos ou relacionais da experiência podem encontrar-se destabilizados. Por vezes, é todo o equilíbrio do funcionamento somático que é afectado” (*op. cit.*, p. 947).

2.2. O espaço psíquico na psicose

A forma como se organiza o espaço psíquico na psicopatologia, nomeadamente na psicose, é abordada por vários autores já referidos, onde o conceito de identificação projectiva de Melanie Klein surge como um dos instrumentos conceptuais mais importantes.

Bion (1967/ 1988) considera ser dupla a origem da perturbação psicótica. De um lado, está a disposição inata do bebé à excessiva destrutividade, ódio e inveja, face à capacidade da mãe em conservar um estado de espírito agradável, apesar de experimentar as sensações que ele projecta. De outro lado, está o ambiente que, na pior hipótese, nega ao bebé o uso dos mecanismos de clivagem e identificação projectiva, recusando-se a servir de receptáculo das suas emoções. “Em certas ocasiões, os ataques destrutivos ao elo de ligação entre o paciente e o ambiente – ou entre diferentes aspectos da personalidade do paciente – têm origem no

paciente. Em outras ocasiões na mãe – embora (...), no caso dos pacientes psicóticos, não possa jamais ser na mãe exclusivamente” (*op. cit.*, p. 97/ 98).

Face ao seu enorme ódio da realidade, o bebé leva a cabo uma identificação projectiva patológica, clivando as partes do seu ego, nomeadamente o aparelho de percepção consciente das realidades interna e externa, em minúsculos fragmentos e expulsando-as da sua personalidade de forma violenta. Na sua fantasia, as partículas do ego expelidas levam uma vida independente e incontrolada, ora contendo os objectos externos, ora sendo por eles contidas, e prosseguem exercendo as suas funções de forma hostil para com o psiquismo que as expeliu. Em decorrência disso, o sujeito sente-se rodeado por objectos bizarros.

Associada à identificação projectiva, está a incapacidade de introjectar da personalidade psicótica. O que foi expelido só pode ser trazido de volta por meio de uma identificação projectiva ao inverso, que apenas permite aos objectos serem amontoados e comprimidos, em vez de sintetizados. Além disso, o ingresso é vivido como uma retaliação hostil em virtude do carácter agressivo da sua própria invasão inicial do objecto.

Segundo Bion (1962/ 1987), a clivagem e a identificação projectiva patológicas procuram garantir a sobrevivência do self, uma vez que o objecto que o bebé odeia e inveja é o mesmo do qual depende para se alimentar. Assim, leva a cabo uma clivagem entre bem-estar psíquico e material, que lhe permitirá “(...) obter o que mais tarde na vida se chamarão comodidades materiais, sem admitir a existência de um objecto vivo do qual dependem estes benefícios” (*op. cit.*, p. 30). É por esta razão que a personalidade psicótica “refere-se a objectos inanimados e a lugares, quando normalmente deveria referir-se a pessoas (...)” (*op. cit.*, p. 28). À medida que “(...) os desejos de bem-estar material se intensificam, a ânsia de amor permanece insatisfeita e converte-se numa voracidade excessiva e mal dirigida” (*op. cit.*, p.30); a personalidade psicótica leva a cabo uma identificação projectiva sem limites, face a um seio que não poderá satisfazer as suas infindáveis necessidades.

Segal (1991/ 1993b) afirma que nas perturbações esquizóides das relações objectais, a capacidade de comunicação é igualmente perturbada, quer pela indiferenciação sujeito-objecto, quer pela falta de meios de comunicação, dado que os símbolos são sentidos de forma concreta (“equações simbólicas”) e não estão disponíveis para este fim. Isto implicará falhas de comunicação entre os mundos interno e externo, bem como na própria comunicação interior. O que parece verificar-se nestas personalidades é que qualquer parte do seu ego pode ser clivada de qualquer outra parte, sem nenhuma comunicação disponível entre elas.

Bégoïn-Guignard (1989) agrupa em dois, os fenómenos que poderão constituir um entrave ao desenvolvimento do pensamento e da simbolização e, portanto, do crescimento psíquico. Os primeiros denomina por “traumatismos psíquicos”, ocorrendo nas zonas do espaço psíquico onde o pensamento simbólico deveria surgir através de uma experiência emocional satisfatória, mas onde sucedeu o que Bion designa por “inversão da função alfa”. Significa que as pulsões do indivíduo reencontraram, noutra ou em si mesmo, o não-simbolizável, ficando a vida psíquica aprisionada num espaço-tempo traumático. Aqui assume particular importância a inveja que, de forma patológica, procura destruir o objecto interno (em vez de o tornar representável), face à ausência do objecto externo. Com referência à teorização de Meltzer, a autora afirma que afecto e simbolização podem ainda opôr-se e entredestruir-se, travando o desenvolvimento do pensamento, por meio da violência do conflito estético numa relação de intimidade. Esta violência está associada à intolerância à presença do objecto e já não à sua ausência como no caso da inveja.

Segundo o próprio Meltzer (*in* Bégoïn-Guignard, 1989), as dificuldades encontradas em consequência da emergência do conflito estético dizem respeito ao valor dos objectos contidos nos espaços internos (espaços privados), sua permanência ou fragilidade, pelo que assumem particular importância a qualidade das identificações, nomeadamente as projectivas, e o estado de equilíbrio entre identificações projectivas e introjectivas.

Meltzer (*in* Dias, 1988) identifica como factores conducentes à utilização da identificação projectiva maciça a intolerância à separação, o controlo onnipotente, a inveja, o ciúme delirante e possessivo, a desconfiança do objecto e a excessiva angústia persecutória. Descreve assim (*in* Houzel, 1994) a “psicose geográfica confusional”, forma de psicose infantil: confrontado com a disparidade entre a resposta da mãe às suas necessidades (à sua adoração do conflito estético) e a forma como rapidamente se eclipsa, parecendo rejeitar as suas comunicações passionais, a criança leva a cabo uma identificação intrusiva nos espaços fantasmáticos da mãe para descobrir a fonte dessa infidelidade. Distingue esta “confusão geográfica” daquela característica do autista, incapaz de diferenciar as quatro áreas do espaço psíquico, mantendo uma relação adesiva e bidimensional com o objecto sem possibilidade de projecção e introjecção. O autista depende totalmente das funções psíquicas do objecto externo, visto como extensão do self; a retirada dá-se quando aquele não corresponde à simetria esperada.

Bick (1968/ 1991) assinala que o desenvolvimento defeituoso da “pele psíquica” pode resultar de falhas na adequação do objecto real às necessidades da criança e/ou de ataques em fantasia dirigidos ao objecto impedindo a introjecção. Sem introjecção das funções continentais, não há espaço dentro do self, nem introjecção de um objecto no espaço interno. “Na sua ausência, a função de identificação projectiva continuará necessariamente inquebrantável, e manifestar-se-ão todas as confusões de identidade consequentes” (*op. cit.*, p. 194). Para substituir a dependência face ao objecto, o sujeito pode criar uma “segunda pele”, continente artificial que fragiliza a integração e as organizações posteriores pelo uso inapropriado de funções mentais: encerra antes de conter, não transformando as partes em elementos ligáveis.

Anzieu (1985) refere que na psicose, em especial na esquizofrenia, o “ego-pele” tem uma função tóxica: o sujeito ataca inconscientemente o continente psíquico, destruindo a coesão interna, alterando as funções e invertendo os seus alvos, em consequência da destruição ou não aquisição de confiança no funcionamento natural do organismo – o que é natural é visto como artificial e o que é bom para a vida é sentido como um perigo mortal. Verifica-se uma reacção circular que reforça os seus paradoxos.

Houzel (1994) estabelece correspondências entre tipos de envelope psíquico e organizações psíquicas: envelope psíquico do sujeito saudável, que assegura a estabilidade do mundo interno e das relações com o mundo externo; envelope psíquico do neurótico que preserva a estabilidade das relações com o exterior à custa de turbulências interiores; envelope psíquico do psicótico, que confunde e transpõe as turbulências do mundo interior para o exterior; envelope psíquico do psicossomático que infiltra as turbulências psíquicas nos equilíbrios somáticos; e a ausência de envelopes psíquicos no autismo, resultando na indiferenciação entre animado e inanimado e no delírio de fusão com o ambiente inanimado. A psicopatologia assume diversas formas face à ruptura de fronteiras entre espaços psíquicos: à psicose simbiótica, como descrita por Margaret Mahler, corresponde a fantasia de uma membrana delimitando mundos interior e exterior, comum à criança e ao seu objecto de vinculação primário; na esquizofrenia infantil existe uma confusão entre os envelopes psíquicos da criança e dos seus objectos exteriores; a ruptura do envelope psíquico do objecto e a penetração num dos seus espaços fantasmáticos deriva na psicose geográfica confusional, como descrita por Meltzer; e a ruptura dos limites entre self e objectos internos é o mecanismo base das psicoses distémicas ou afectivas.

Ainda segundo Houzel (1991), determinadas manifestações psicopatológicas estão associadas ao desenvolvimento defeituoso das qualidades do espaço psíquico. Quanto à qualidade de encerramento, a ruptura das fronteiras leva a alucinações (confusão entre espaços imaginário e perceptivo), delírios interpretativos e onipotência do pensamento (confusão entre espaços psíquicos próprio e do outro) e manifestações maníaco-depressivas (confusão entre espaço do self e espaço dos objectos internos). Não contendo as suas próprias fronteiras, a possibilidade de reconstituir um espaço fechado, na psicose, passa por estender o mundo interno a toda ou parte do mundo externo (os outros como personagens do seu mundo interno). Ao nível da conexidade, isto é, da consciência de pertença e união de vários elementos num mesmo espaço, verifica-se que, na psicose, em consequência de uma descontinuidade do sistema continente onde se efectuou o crescimento psíquico, esta união não é reconhecida e no seu lugar fica apenas uma falha irreductível, um buraco (à semelhança da noção kleiniana de clivagem). Finalmente, um espaço psíquico não orientável, em que a pulsão fica entregue a si mesma, sem elaboração num reencontro psíquico, não permite ao sujeito expulsar seja o que for; um tal espaço não tem interior nem exterior. Associada a esta não-orientabilidade está a confusão observada regularmente nas famílias de psicóticos ao nível dos papéis de gerações e sexos. Nestes casos, os sinais que deveriam permitir ao psiquismo orientar-se num desenvolvimento diferenciado e coerente, mudam de um instante para o outro, derivando em funcionamentos paradoxos.

Houzel (1996) desenvolve o conceito de “envelope familiar” para contextualizar o processo de construção da realidade psíquica e a sua evolução patológica. Este “envelope familiar” tem a função de conter o fardo do passado colectivo da família, que poderá travar os processos complexos pelos quais é formada a realidade psíquica da criança. Onde esta transmissão transgeracional ocorra, ela trava toda ou parte da personalidade da criança, num papel estereotipado e preformado que é compelida a representar vezes e vezes sem conta, por mecanismos de identificação projectiva, identificação com o agressor e compulsão à repetição. Tal só poderá ser revertido se uma função continente os transformar em elementos pensáveis. “Estes fantasmas psíquicos operam da mesma forma que naqueles contos e lendas nos quais as almas dos mortos assombram o mundo dos vivos até lhes ser dado um funeral cristão; (...) um lugar no universo simbólico do sujeito” (*op. cit.*, p. 910).

Segundo Grotstein (1978), a dificuldade em organizar e representar o espaço psíquico na psicose deve-se não só a uma desorganização regressiva das fronteiras do ego e do teste da

realidade, mas também a um dismantelamento da função do aparelho vestibular (elaboração secundária de reunião de imagens separadas numa forma coerente) e à fusão num só de um sistema dual. No desenvolvimento infantil operam em paralelo um self diferenciado e um self não diferenciado do objecto, de forma a permitir a integração equilibrada do self durante o processo de autonomização. Na psicose este sistema funde-se num só, pelo que a parte do self diferenciada não actua junto da parte não diferenciada para promover a sua autonomização. A identificação projectiva, que deveria actuar como defesa benigna na procura de adiamento do confronto com experiências ainda não toleráveis, torna-se um mecanismo de negação e destruição do sentido da realidade, com consequente perda da estabilidade da tridimensionalidade. Recorrendo à identificação projectiva, o sujeito procura desfazer uma separação já estabelecida entre si e o objecto, com o auxílio da parte do self que ainda experiencia a não-separação, ou expulsar aspectos do self não desejados, projectando-os num objecto sentido como continente especial e permanente destes conteúdos. Grotstein define identificação projectiva como “(...) invasão de um objecto ou expulsão para dentro de um objecto, do qual o self não está totalmente separado, de conteúdos do self que são experienciados como totalmente confundidos com um objecto” (*op. cit.*, p. 59). Fala de desidentificação em oposição à identificação projectiva realista e à empatia, de forma a que os aspectos expelidos no interior do objecto deixariam de ser reconhecidos como próprios.

Tustin (1986/ 1994) aborda as questões ligadas à patologia do espaço psíquico a partir do seu trabalho com crianças autistas. Neste mundo quaisquer falhas no espaço entre si e o outro são sentidas como um “buraco negro” pela consciência traumática da separabilidade corporal da mãe quando o aparelho psíquico não estava preparado para tal. O objecto não tinha atingido ainda o estatuto de objecto, sendo apenas experienciado, como o próprio corpo, como uma mescla de sensações. O luto da separação não é possível pela ausência de uma construção mental que substitua o objecto, o símbolo. Como defesa das angústias profundas de separação, a criança deflecte a atenção do mundo exterior, em particular da mãe, para um mundo dominado por sensações auto-geradas, criando um continente artificial que controla totalmente e do qual depende para preservar o sentimento de existir. Este pensamento sobreconcretizado implica um estado de percepção diminuída, em detrimento da capacidade de abstracção necessária ao pensamento imaginativo e reflexivo.

Tustin, recorrendo à terminologia de Winnicott, designa o autismo como um estado não integrado, em contraponto com o estado de desintegração da criança esquizofrénica. Este

último tem por base uma relação confusional com a mãe, que leva a um desenvolvimento psicológico ténue e inseguro a partir do qual a criança regride face a maiores dificuldades. Já existe uma consciência, embora confusa, de separabilidade corporal da mãe, pelo que o processo de identificação projectiva é óbvio e activo. A consciência de interiores e exteriores e a procura de objectos são visíveis na fantasia de que estes estão no interior do corpo materno, embora interligados de forma frágil. Há uma capacidade de relacionar-se, embora bizarra. Em contraponto, o autista tem pouca curiosidade em relação ao interior do corpo materno, limitando-se a uma exploração táctil de meras superfícies.

Sami-Ali (1987/ 1992) encara a patologia em torno do imaginário e da projecção, considerando a natureza do espaço onde tudo ocorre e as relações do sujeito com esse espaço. A psicose é encarada como processo psicossomático em que o corpo imaginário suplanta o corpo real, na medida em que a projecção supera a percepção. O real não necessita de ser negado pois é tornado um caso particular do imaginário. Não se trata de uma alteração dos conteúdos, mas sim da própria estrutura do pensamento, em que o espaço próprio e o do outro, bem como entre ambos, se convertem num mesmo, pela transformação do contrário em idêntico, objecto em sujeito, continente em conteúdo. Neste espaço de inclusões recíprocas, duas proposições que se excluíam passam a implicar-se mutuamente, sendo igualmente reversíveis por reenviarem uma à outra num movimento circular incessante.

“(...) o pensamento psicótico só pensa o impensável em termos de espaço: também a lógica de inclusões recíprocas torna-se o princípio organizador do espaço imaginário, espaço onde o dentro é o fora, o todo é a parte, o grande é o pequeno, o continente o conteúdo. A temporalidade reduz-se já que, de irreversíveis, as relações temporais se tornam reversíveis.”
(*op. cit.*, p.103)

2.3. Síntese e Integração

A construção e organização do mundo interno como espaço único e individual, distinto do mundo externo, tem sido objecto de estudo de diversos autores que enfatizam a importância de uma relação precoce securizante entre sujeito e objecto.

Na base do desenvolvimento destas teorias está o mecanismo de identificação projectiva, descrito inicialmente por Melanie Klein, concebido como forma de comunicação e empatia primitivas entre o bebé e o objecto de vinculação primário. Por meio deste mecanismo, a criança projecta no objecto angústias primitivas impensáveis e reintegra-as no seu psiquismo,

depois de modificadas de forma tolerável pelo objecto. Quando interiorizada pelo sujeito, esta capacidade de contenção irá constituir-se como continente do próprio psiquismo, num conjunto organizado e delimitado do exterior (teoria do continente-conteúdo de Bion).

À medida que a própria fantasia de identificação projectiva se confronta com a realidade da separação entre sujeito e objecto, desenvolve-se um self coeso e integrado, distinto do objecto externo, uma consciência de espaço psíquico próprio.

O reconhecimento desta separação revela-se central ao desenvolvimento psíquico e do próprio pensamento, na origem do qual, segundo Bion, está a interiorização da ausência do objecto associada a uma experiência gratificante aquando da sua presença.

No lugar e no tempo onde bebé e mãe são vistos como separados, Winnicott postula a emergência de um espaço potencial de desenvolvimento da criatividade e da simbolização, área de comunicação entre self e objecto, local de encontro de experiências dos mundos interno e externo, matriz do espaço psíquico que dotará o sujeito de individualidade.

A constituição de uma estrutura delimitante do espaço psíquico que possibilite ao mesmo tempo a organização dos conteúdos no seu interior é referida por vários autores, entre eles Bick (“pele psíquica”), Anzieu (“ego-pele”) e Houzel (“envelope psíquico”).

O desenvolvimento teórico de outros autores, nomeadamente Meltzer, permite ver o desenvolvimento do espaço psíquico como uma progressão desde um mundo unidimensional, de fusão entre sujeito e objecto, de não-pensamento, até à quadridimensionalidade que caracteriza a vida psíquica, base de uma relação verdadeiramente objectal.

Referimos o que diz Dias (1988) a propósito da importância da identificação projectiva na formação do espaço psíquico. É na relação com o outro, através do jogo das projecções e introjecções, mediadas pela identificação projectiva, que o mundo interno se vai alargando a novas significações, sendo que as representações internalizadas obedecem ao modelo transicional de Winnicott, isto é, não são o que a criança percebe do objecto nem o que o objecto fornece à criança e percebe dela. O não-seio, que implica a representação do seio, inaugura o jogo dos contrários permitindo a confrontação construtiva do espaço da mente. O próprio espaço psíquico vai depender do sucesso do percurso identificatório, através do qual o mundo unidimensional do recém-nascido se transforma na relação de objecto precoce.

Quer se trate de uma predisposição inata da criança à destrutividade, quer da falta de uma relação precoce securizante, na origem da psicose está a utilização patológica do mecanismo de identificação projectiva pela criança, que projecta no outro fragmentos da própria

personalidade, carregados de extrema hostilidade, sem possibilidade de reintrojecção posterior. A identificação projectiva, que deveria servir a comunicação entre self e objecto, permanece assim activa e onnipotente, impedindo a autonomia do self, bem como a constituição de uma fronteira entre self e objecto, entre fantasia e realidade.

A este propósito, Dias (1988) refere que a identificação projectiva serve a formação do espaço psíquico quando o que o sujeito projecta, e é em seguida reinternalizado, adquire novas significações conferidas pelo objecto contentor. Na psicose, ela é anti-comunicante, anti-empática, evacuadora de ódio, desintegradora, alienante e destruidora de parte do self em relação ao self total, o que leva ao esgotamento progressivo das principais actividades mentais; o psicótico desconhece-se para sobreviver ao ódio incurável, manifestado através da inveja, cujo fim será um mundo destituído de autonomia e, em última análise, de significado. Esta confusão entre espaços interno e externo deriva num conjunto de manifestações como a despersonalização, o sentimento de estranheza corporal e vivências de corpo fragmentado.

Se, de facto, na psicose o espaço psíquico não tem limite ou continente, de tal forma que os elementos psíquicos não encontram lugar de representação, mas apenas a dispersão, como é que esta problemática é exteriorizada e se torna visível?

Que tradução melhor das relações entre sujeito e objecto, entre real e imaginário, entre os vários espaços cuja delimitação e comunicação permitiriam a constituição de um espaço psíquico próprio, senão o produto de um encontro intersubjectivo, onde se apela, simultaneamente, à percepção e à fantasia através da acção preferencial da identificação projectiva? É em razão deste “jogo”, onde se poderão vislumbrar as delimitações e ligações do(s) espaço(s) na psicose, que escolhemos o Rorschach como metodologia deste trabalho.

3. O Rorschach

3.1. Caracterização do material

O Rorschach é constituído por 10 cartões com manchas de tinta, realçadas num contraste figura/ fundo e distribuídas simetricamente em torno de um eixo central. Trata-se de material não figurativo, sem atribuição de significados prévios, significação essa que o sujeito lhe deverá conferir. Apesar da ambiguidade das manchas, é possível atribuir-lhes, pelo seu carácter perceptivo, formas objectivas e delimitadas.

Ao nível estrutural, existem cartões unitários, com mediana manifesta (I, IV, V, VI e IX) e que, por essa razão, poderão reflectir a imagem do corpo humano organizado simetricamente em torno de um eixo. Os cartões com configuração bilateral (II, III, VII e VIII), de simetria mais evidente, podem, por sua vez, reflectir representações das relações. Os cartões podem ainda ser fechados (I, IV, V e VI) ou abertos (II, III, VII, VIII, IX e X), o que, aliado ao carácter compacto ou de vacuidade, poderá remeter para referências femininas/maternas (cartões abertos, ocos e continentes – I, II, VII e IX) ou fálicas (cartões fechados, compactos e com apêndices salientes – IV e VI).

A dimensão sensorial do material opera uma divisão entre: cartões cinzento-escuros ou de contraste negro-branco (I, IV, V e VI), que poderão originar manifestações de inquietação, ansiedade ou angústia, tristeza e depressão; cartões vermelhos (II e III), que reactivam movimentos pulsionais (libidinais ou agressivos), ampliados pela evocação de representações de relações (são igualmente cartões bilaterais); um cartão cinzento-claro (VII), esbatido, com grande participação do branco, que atenua o contraste e o contorno, numa mais fácil interpenetração do dentro e do fora; e cartões pastel (VIII, IX e X), que promovem a emergência de afectos, emoções e sensações, embora as suas características estruturais os diferenciem claramente (o VIII tem uma estrutura clara, com as diferentes partes delimitadas e sem invasão das cores; no IX as cores interpenetram-se e as características estruturais promovem a ambiguidade por ser simultaneamente fechado – facilitando a abordagem global –, aberto – tendo em conta o branco central – e bilateral – na parte superior; e o X apresenta uma multiplicidade de cores e dispersão das manchas).

3.2. Fundamentação teórica

A metodologia projectiva Rorschach foi criada em 1921 por Hermann Rorschach como instrumento de diagnóstico, fundamentado na relação entre percepção e personalidade, normal e patológica, com peso preponderante dos factores intelectuais sobre os afectivos. Sem que o autor o tivesse dotado de teoria ou grelha interpretativa, foram as sistematizações posteriores que o fundamentaram teoricamente e estabilizaram as metodologias (Marques, 1999).

Preservando o essencial da lógica inicialmente estabelecida pelo seu autor, que tem por base o racional psicopatológico e o procedimento diagnóstico, o Rorschach percorreu duas vias distintas: a que deriva das sistematizações e dados dos empiricistas e a que se suporta e inspira na teoria psicanalítica. No primeiro caso, procuram estabelecer-se os dados formais e

quantitativos que identifiquem e discriminem sinais e grupos psicopatológicos, tendo em conta valores e tabelas normativas. No segundo, a preocupação gira em torno da participação dos mecanismos inconscientes e pré-conscientes nas respostas, emergindo como noções fundamentais, inicialmente as de conflito, angústia e mecanismos de defesa, e depois, as de representação: de si ou do Eu; das relações ou do objecto (Marques, 1999).

Segundo o próprio autor (*in* Marques, 1999), na base do trabalho Rorschach há uma percepção, mas no processo que conduz à resposta intervêm outros mecanismos psicológicos. O reconhecimento e identificação das manchas pressupõem a associação e conexão das sensações do sujeito; a partir da associação é a interpretação que se torna uma forma particular de percepção – a percepção está, desde logo, intimamente ligada à interpretação. Segundo Chabert (1997/ 1998), desde o início, a formulação do Rorschach reenvia mais para dimensões internas, subjectivas e interpretativas, do que externas e objectivas.

Os desenvolvimentos posteriores desta metodologia irão basear-se na noção de percepção, encarando-a, todavia, de forma divergente: constituem-se esforços, de um lado, por definir a tarefa como perceptiva e, do outro lado, por encará-la como não perceptiva.

Inseridos na primeira perspectiva, com a preocupação subjacente de dotar o Rorschach de critérios de validação que o reconheçam como teste científico, surgem os trabalhos de Exner, com início nos E.U.A., para quem (*in* Silva, 1994) as respostas Rorschach não são produto da imaginação, mas antes da percepção ou apercepção e, por conseguinte, conscientes. A instrução “O que é que poderia ser isto?” delimita a possibilidade de respostas, compatíveis com as exigências da organização estrutural do estímulo, situando a prova no terreno meramente perceptivo. Pelo carácter restritivo da instrução, e porque os estímulos não são totalmente inestruturados, a classificação do Rorschach enquanto teste projectivo não é adequada. A projecção pode estar presente, mas não em número significativo que justifique o seu estudo; em muitas situações, ela é inclusivamente desencorajada. A organização e os estados psicológicos do sujeito influem na formação das respostas como operação cognitiva do tipo solução de problemas.

Segundo Marques (1999), nesta posição, o realce é colocado sobre o teste, numa lógica racional e de quantificação, enquanto o sujeito é secundarizado. Como refere Danilo Silva (1994), a propósito da sistematização proposta por Exner, “Jamais o produto da vontade, da imaginação e do pensamento de um indivíduo acederá ao plano do conhecimento científico,

se não passar pelo crivo das operações conceptuais e metódicas que o tornam objectivo, isto é, independente do sujeito (...)” (*op. cit.*, p. 508).

Os desenvolvimentos do Rorschach fundados nas teses da percepção como interpretação inspiram-se nas concepções sobre a projecção e são suportados pelos modelos advindos da psicanálise, podendo agrupar-se em três momentos: as teses surgidas na Europa, que acentuam a participação dos processos subjectivos e afectivos, bem como de mecanismos pré-conscientes e inconscientes, na elaboração da resposta-Rorschach; as teses desenvolvidas nos E.U.A. que se iniciaram na submissão à teoria estrutural com inscrição na *Ego Psychology* e que, depois, passaram a integrar as teorias da relação de objecto; e, finalmente, as teses desenvolvidas em França, com inscrição na metapsicologia freudiana (Marques, 1999).

Relativamente ao primeiro momento, destacam-se as referências de Lagache e Baer. Segundo Lagache (*in Marques, 1999*), o carácter desconhecido das manchas Rorschach apela a uma “*rêverie imageante*” (condensação de imagem e imaginação), numa articulação da realidade com os conteúdos psíquicos do sujeito. A percepção pura não existe, sendo a interpretação inerente à intervenção da subjectividade.

Baer (*in Marques, 1999*) assinala o carácter traumático da situação Rorschach pela falta de estruturação do estímulo e pela natureza da tarefa exigida, levando à regressão do Ego e à mobilização de uma angústia primitiva de perda da forma (equivalente inconsciente à angústia de perda de objecto). O sujeito utiliza mecanismos de defesa específicos, como a projecção, para “lutar pela manutenção da forma”, atribuir estrutura a estímulos que não a têm, através das formas de elaboração da posição depressiva. O examinador tem um papel semelhante ao do analista, servindo de ecrã às projecções do sujeito.

Com Rapaport iniciaram-se, nos E.U.A., os trabalhos que procuram estabelecer uma relação entre a teoria psicanalítica e o Rorschach. Segundo o autor (*in Marques, 1999*), o Rorschach, como ponte entre respostas e estrutura psíquica, permite aceder à avaliação das funções do Ego, dando conta da sua força ou fragilidade, e dos processos de pensamento.

Nesta linha de pensamento, Schafer (*in Marques, 1999*) apresenta a situação Rorschach recorrendo aos modelos da relação transferencial e contratransferencial, explicitados por três eixos: problemática do testador, dinâmica do teste e implicações da dinâmica interpessoal na interpretação. Testemunha-se, assim, quer a natureza intrusiva da situação (porque o examinador não só apresenta um material disruptivo, como procede de forma a obter uma maior participação e implicação do sujeito), quer a dimensão defensiva do funcionamento do

sujeito (com as eventuais distorções que ela provoca), quer a acção da contratransferência positiva ou negativa (que dificulta a observação e compreensão dos elementos no contexto em que surgem). O processo-resposta Rorschach reenvia, segundo o autor (*in* Chabert, 1997/1998), a um trabalho assimilável ao do sonho, com a particularidade de produzir movimentos que vão desde a fantasia à realidade, dos processos primários aos secundários.

Mayman e Blatt (*in* Marques, 1999), por sua vez, acrescentam às concepções da teoria estrutural, fundada na *Ego Psychology*, as concepções das teorias da relação de objecto. O interesse incide sobre a interferência, na situação Rorschach, dos construtos individuais das realidades interna e externa, bem como a natureza da representação mental e suas interacções e, finalmente, o processo pelo qual a experiência é transformada subjectivamente.

Das teses desenvolvidas em França, destacam-se os contributos de Rausch de Traubenberg e de C. Chabert. Traubenberg (1983) define o Rorschach como espaço de interacção entre actividades perceptiva e fantasmática, realidades externa do objecto conhecido e interna do objecto vivenciado. Face a um estímulo com características objectivas, estruturado mas ambíguo (construído mas não concluído, total mas alterado, cheio e vazio), com determinadas conotações simbólicas, e a uma instrução que reenvia do perceptivo para o imaginário, o sujeito irá expressar-se numa dupla relação com os mundos interno e externo, remodelando a realidade exterior em função das necessidades e fantasias internas. O processo de resposta assenta, então, na capacidade implícita de se diferenciar do outro como unidade, através da apreensão bem delimitada dos perceptos, escolha bem precisa dos determinantes e de conteúdos bem definidos.

É neste sentido que Traubenberg e Boizou (1984/ 1999) propõem como principal eixo interpretativo do Rorschach a representação de si, que vai do esboço do esquema corporal à realização da sua unidade, até à projecção do corpo sexuado em situação no mundo, face ao outro, que abre acesso à identificação e à maturidade. A projecção de uma imagem de corpo integrada, independentemente da existência de respostas corporais, é possibilitada pela organização espacial do estímulo em torno de um eixo médio vertical, de forma a delimitar dentro e fora, exterior e interior. O estabelecimento destes limites dá conta da aquisição de um nível de desenvolvimento libidinal com noção de identidade e das relações objectais. Não se trata da projecção do corpo conhecido (objecto da cognição) mas sim do corpo vivenciado (objecto e sujeito da actividade afectiva).

Chabert (1997/ 1998), na mesma linha de Rausch de Traubenberg, apresenta como referência fundamental do Rorschach a articulação percepção-projecção, real-imaginário, pela emergência da vivência e dos fantasmas numa situação com atributos manifestos e latentes (simbólicos), que revelam a ressonância e a capacidades de ligar o pessoal e subjectivo ao real e objectivo. Enquanto objecto potencial, imaginado, o Rorschach permite a elaboração da percepção em função das preocupações essenciais do sujeito, dos modos de organização da sua relação com os objectos – os eixos de análise propostos pela autora são precisamente a representação de si e a representação do outro, das relações – e dos fantasmas e afectos subentendidos nas palavras-imagens que o sujeito fornece. Neste jogo espera-se que o sujeito integre exigências internas e externas, num compromisso relativamente estável entre os desejos e a barreira do real. O funcionamento harmonioso no Rorschach pressupõe a aceitação do paradoxo winnicottiano: uma mancha de tinta é identificada como forma banal, próxima do real e, ao mesmo tempo, investida como porta-voz de um cenário fantasmático, de um sistema de representações e afectos, cuja conotação subjectiva e pertença ao domínio da ilusão são admitidos pelo sujeito.

O eixo interpretativo *representação de si*, que permite aceder à questão identitária, revela-se a dois níveis: *a imagem do corpo*, apêlo derivado da simetria dos cartões em torno de um eixo médio, à semelhança do esquema do corpo humano ordenado simetricamente de um lado e de outro de um plano mediador; e *o investimento da imagem de si e a identidade* propriamente ditos, pressupondo uma distinção clara entre os vários reinos (humano, animal e vegetal, bem como o mundo dos objectos) e entre o sujeito e o objecto.

Marques (1999) refere que as conceptualizações do Rorschach com ligação à psicanálise, em qualquer dos momentos referidos, têm como suporte, desde logo, as características das manchas como material desconhecido e ambíguo, embora estruturado e com certas qualidades perceptivas. É igualmente valorizado o facto do material ser apresentado por um sujeito, o psicólogo, de uma forma abrupta relativamente à situação clínica em que ocorre, impondo constrangimentos e um ecrã à relação, reforçados por uma instrução paradoxal que convida à rêverie, à fantasia e ao imaginário, a partir de uma realidade que deve ser respeitada.

Todas as concepções contêm a noção de que as interpretações no Rorschach (as do sujeito e as que se fazem sobre as respostas do sujeito) se inscrevem nas lógicas consignadas pela significação, tendo em conta as relações entre realidade e fantasia, realidade e rêverie, percepção e participação subjectiva, fantasma e vivência, percepção e representação. A

situação Rorschach possibilita a mobilização de representações e afectos, de movimentos conscientes, pré-conscientes e inconscientes, num trabalho criativo que, a fim de pôr ordem no “caos” e servir imperativos adaptativos, permite aceder à natureza do sujeito e das representações de si (organizadas pelas vivências corporais) e dos objectos.

É nesta linha teórica e interpretativa, decorrente dos desenvolvimentos da psicanálise, nomeadamente da escola francesa, que se insere o trabalho aqui apresentado, na medida em que é contemplada a forma como cada sujeito procede internamente, os processos mentais implicados em qualquer relação de objecto, concebidos como dinâmicos, interactivos e situacionais e revelando as ligações estabelecidas entre interno e externo (Marques, 1999).

Marques (1999), propõe-se aprofundar as conceptualizações do Rorschach, na sua ligação à teoria psicanalítica, alargando-as aos princípios teóricos que derivam do pensamento kleiniano e pós-kleiniano, com destaque para as concepções de Bion. Ao ser pedido ao sujeito que diga o que é que as manchas poderão ser, constitui-se uma “situação catastrófica” pelo carácter desconhecido e disruptivo: trata-se de configurações ambíguas, com impressões sensoriais e sem significado semântico preciso, que o sujeito deverá conter, mobilizando a projecção, em abstracções, pensamentos utilizáveis e comunicáveis, palavras que são imagens e conceitos. Pode falar-se de função simbólica no Rorschach, na medida em que se procura restaurar o equilíbrio, a integridade e a coerência dos objectos internos e externos, ligando, separando e colocando uns dentro dos outros (relações continente-conteúdo) para recriar um outro, a resposta Rorschach, expresso através de palavras e conceitos.

Desta forma, na situação Rorschach, como em qualquer processo de conhecimento, as expressões mais imediatas e manifestas deverão ser consideradas nas relações que cada indivíduo com elas estabelece, isto é, em função da sua ressonância emocional, bem como dos movimentos e arranjos internos e externos.

Como referem Marques e Aleixo (1994) “A resposta Rorschach contém sempre o compromisso possível *entre* o que de mais significativo ordena e rege o mundo interno do sujeito que a produz *e* aquilo que de mais significativo, também, ele retém das características do mundo externo (...)” (*op. cit.*, p. 461). Assim, “Cumpre-nos identificar o peso relativo dos mundos interno e externo, mas sobretudo as capacidades evidenciadas pelo sujeito em ligar, transformar, criar e recriar um e outro.” (*op. cit.*, p. 462)

Marques (1999) refere que o processo de atribuição de sentido a uma mancha Rorschach ocorre por acção preferencial da identificação projectiva, lugar de encontro, comunicação e

conciliação, união e integração entre interno e externo, sujeito e objecto. Este mecanismo coloca em lugar de relevo o objecto externo, que passa a ter com o objecto interno relações de intimidade, reciprocidade e enriquecimento mútuos. Ao objecto externo são atribuídas qualidades psíquicas, num processo de comunicação que é também condição do desenvolvimento e crescimento do sujeito, pela possibilidade de sustentar a curiosidade e o conhecimento; o externo, o continente que também é conteúdo, participa num processo que é em simultâneo condição e condicionante da actividade de pensar e simbólica do sujeito.

Estas conceptualizações afiguram-se importantes para o trabalho que aqui se propõe desenvolver, na medida em que enriquecem o Rorschach de conceitos psicanalíticos que aclaram a natureza do espaço psíquico do indivíduo, a sua constituição na relação com o espaço psíquico do outro e a realidade externa, reforçando a importância das capacidades de ligação e transformação do sujeito. A este propósito Marques (1999) diz que:

“A relação que o sujeito estabelece com o objecto – a mancha Rorschach (...) – pressupõe a *separação Eu / não Eu que conduz, permite e revela a objectalização, isto é, a relação do sujeito com o mundo*. Esta relação, fundada no sentimento de existir, leva à *capacidade de criar*, possível a partir da possibilidade de preservar um interior, ser um continente, e depois, ao mesmo tempo, pela acção (...) sobretudo da identificação projectiva, estabelecer conteúdos e uma relação e comunicação com o mundo” (p. 210 /211).

E na criança? Como se expressa a relação com o mundo, a relação Eu/ não Eu no Rorschach?

3.3. Rorschach na clínica infantil

Segundo Traubenberg e Boizou (1984/ 1999), o funcionamento da criança é mais global que o do adulto, pelo que qualquer momento de mal-estar face ao estímulo Rorschach e aquilo para que remete, reflectir-se-á sobre o conjunto dos factores e não, como no adulto, naquele que considere mais apropriado para o exprimir. Pela intrincação dos valores intelectuais e afectivos de cada um dos factores é primordial captar os modos de interacção entre os tipos de apreensão, os modos de expressão e a temática das produções infantis.

Trata-se de destacar como a percepção se constrói, é activada ou paralizada perante a pressão fantasmática. Face à dupla exigência de adaptação à realidade objectiva e expressão afectiva e fantasmática da situação Rorschach, na criança, a última prima sobre a primeira, sendo os cartões integrados no mundo subjectivo e traduzidos em torno da vivência pessoal.

A actividade proposta assemelha-se não tanto a um desempenho, mas mais a um “jogo”, com constante interacção dos dois movimentos.

Qualquer desnivelamento visível, positivo ou negativo, refere-se à força da vida fantasmática, cuja necessidade de expressão conduz a movimentos projectivos sobre o material, numa mobilização máxima dos recursos que ultrapassa os limites do funcionamento habitual. A procura de domínio sobre a projecção, a problemática ou o afecto sentido assumem diferentes formas na criança e exprimem-se, com frequência, mais livre e abertamente do que no adulto, sem que se possa deduzir daí uma estrutura delirante. Do mesmo modo, a grande amplitude de movimentos progredientes e regredientes verificada nos protocolos infantis não tem o mesmo significado de contradição patológica, até porque, quanto mais nova é a criança, maiores serão as flutuações em torno de um pólo dominante, que pode ser o recurso à realidade, à expressão do afecto ou à fantasia. É esperado que a criança o utilize o recurso à realidade, pelo menos parcialmente, referindo-se à estrutura perceptiva do estímulo por meio da experiência quotidiana.

Relativamente ao recurso ao afecto, é importante notar que, nas produções infantis, abundam comentários subjectivos e verbalizações directas de prazer ou desprazer, elementos com valor maior de desimpedimento do que de descarga, como se a sua exteriorização e comunicação com o outro diminuíssem a sua repercussão. Também a manutenção da contradição, procedimento defensivo muito utilizado pelo psiquismo infantil, poderá ser melhor compreendida no contexto de sobrevivência do sentimento de onnipotência.

Finalmente, tendo em conta que a criança está muito próxima do universo mágico, é esperado que ela encare esta tarefa como uma actividade criativa lúdica, com destaque do imaginário. O “jogo” que levará a cabo de forma a manejar as suas necessidades inconscientes traduzir-se-á em imagens mais projectivas que objectivas, mais fabuladas que realistas. Quanto mais nova for, mais utilizará como modos defensivos o recurso ao afecto e ao imaginário, já que as funções instrumentais e intelectuais estão ainda pouco investidas. Pelo contrário, com a instalação do período de latência e respectiva orientação dos interesses, o recurso à realidade domina sobre os outros procedimentos.

Na criança, o nível de verbalização desempenha um papel determinante na expressão fantasmática, pelo que a simples designação de um objecto tem força de projecção. O formal é também mais importante e significativo que no adulto, bem como menos a-conflitual. A própria encenação assinala implicação projectiva e propensão para a externalização da

vivência, nem sempre regressiva ou delirante. Também a presença de representações humanas está mais relacionada com a procura de imagens de identificações do que com a capacidade em diferir o impulso. É a necessidade de representação de si que rege a projecção.

A criança irá propôr diferentes imagens de si, testemunhando o seu grau de diferenciação e autonomia em relação ao mundo, em particular, às imagens parentais. A projecção bem sucedida do esquema corporal, primeira base de diferenciação da criança face ao outro, revelar-se-á em quadros perceptivos bem delimitados e estáveis, sob modos expressivos flexíveis, permitindo oscilar entre posições diversas sem perda da possibilidade de centração.

E na psicose? Como se revela, no Rorschach, a projecção do espaço próprio na psicose?

3.4. Rorschach e psicose

Na interacção entre mundos interno e externo, presente no processo de resposta Rorschach, podem tornar-se visíveis, segundo Marques (1999) o “esmagamento”, a confusão e a dominância de um sobre o outro: se o mundo interno dominar sobre o externo, aparecem a desrealização e a recusa da realidade, eventualmente acompanhadas pelo retraimento narcísico ou pela criação de uma neo-realidade; se o mundo externo dominar sobre o interno, aparecerá o empobrecimento da fantasmática; caso se confundam, com maior ou menor ruptura, maiores ou menores capacidades de ligação, pode revelar-se o empobrecimento da vida psíquica, a desertificação, na proximidade da morte psíquica.

Este é o domínio da patologia do espaço, do espaço próprio que não se constitui como lugar de unidade e diferenciação face ao outro, face ao mundo externo. É o domínio da psicose.

Segundo Chabert (1999/ 2000), a situação Rorschach, apelando a um duplo registo de funcionamento ao nível da percepção e da representação, revela os desvios e ligações entre o dentro e fora, na aceitação ou negação dos limites que atravessam os seus campos respectivos. É assim que a imagem das manchas sobre um fundo põe à prova a identidade do sujeito. Na psicose, o desvio reflecte o abismo entre a realidade e a coisa percebida, a incapacidade de pensar ou representar o objecto, a invalidação do princípio da realidade, a impossível capacidade de julgamento e diferenciação entre o que é pertença do Ego e do exterior.

Chabert distingue as produções Rorschach nas modalidades de funcionamento paranóide e nas organizações aparentadas com a esquizofrenia. No primeiro caso, as produções revelam uma riqueza eflorescente de associações que, apesar dos suportes perceptivos arbitrários, leva

a crer que o sujeito pensa, o seu espaço psíquico está povoado e nele se desenrolam cenas (muitas vezes num espaço-tempo e numa lógica perturbados), pela eficácia dos mecanismos de clivagem e intensidade dos mecanismos projectivos. O segundo tipo de protocolos caracteriza-se por uma inibição forte, manifestada numa linguagem verbal que parece travada, revelando, tal como o conjunto dos dados, o aspecto comprimido do funcionamento mental, portador de significações repetitivas e limitadas, petrificadas. Aqui, a ruptura com os mundos interno e externo é mais drástica e invalidante. Ao espaço psíquico povoado e encerrado para preservação contra objectos persecutórios da primeira hipótese, opõe-se um “campo vazio” de objectos que teriam sido expulsos ou desinvestidos, por só oferecerem uma extensão plana, pontualmente danificada por incidentes sensoriais desconectados, da segunda hipótese.

A autora apresenta como características dos protocolos “inibidos”, mais frequentes que os “interpretativos”, produções pouco abundantes e um acordo elevado à apreensão perceptiva do material (elevação das respostas F %), num esforço de leitura “objectivante” para eliminar o contributo subjectivo (algumas respostas são mesmo hiperadaptativas e conformistas, como que desprovidas de sujeito). A tentativa de delimitar continentes pela formalização excessiva salda-se por um duplo insucesso, imputável à não utilização de fronteiras como superfícies de mediação e troca entre o dentro e o fora. No dentro, as barreiras estão desprovidas de conotações fantasmáticas ou afectivas, denunciando o desinvestimento do mundo interno; no fora, estão desintegradas em relação às particularidades objectivas (F+ % muito baixo), aparentando tratar-se de um desinvestimento, desta vez, do mundo externo.

Estes protocolos revelam a ausência de respostas cinestésicas, sobre a qual a autora propõe algumas hipóteses. Poderá traduzir a impossibilidade do sujeito em se situar numa área transitiva (como descrita por Winnicott), que autoriza um jogo potencial entre real e imaginário, e consequentes falhas nos processos de interiorização (ocorridos nesse espaço) e dificuldade ou incapacidade de figuração das representações inconscientes. Além disso, esta ausência denuncia o provável dano de uma imagem de si unificada, diferenciada do objecto, dado que é, muitas vezes, acompanhada de uma quase ausência de respostas humanas, sublinhando profundas falhas no registo das identificações primárias. A ausência de K interpretativas mostra a não emergência de incidências delirantes, apontando para uma compressão da actividade fantasmática, que se acompanha de uma pobreza do pensar. Finalmente, a ausência de respostas K, associada a uma expressão mínima de respostas C, revela o manifesto desgaste de qualquer movimento pulsional, a “morte pulsional”. O

pensamento é atacado pela pulsão, traduzindo-se por um último recurso ao percepto, à referenciação das formas, membrana que não chega a desempenhar um papel diferenciador entre dentro e fora, nem tão pouco a assegurar uma superfície que contém. Os envelopes perceptivos dos objectos, à semelhança das imagens corporais, são esburacados, permeáveis, enfraquecidos, fragmentados ou vazios.

Chabert (1997/ 1998) afirma que qualquer tipo de produção psicótica remete para a perda de identidade. Nas personalidades dissociadas (esquizofrenia) é a angústia de fragmentação e de desintegração que sustém as produções. Nas personalidades interpretativas (paranóia) domina o perigo de destruição e aniquilamento pelo objecto persecutório. Em todo o caso, as barreiras entre dentro e fora caracterizam-se pela sua extrema fragilidade quer estejam desmoronadas ou ameaçadas. A confusão, a carga dos mecanismos projectivos e a insuficiente ancoragem à realidade objectiva minam a distinção entre real e imaginário, assinalando a inconsistência do Ego como regulador dos excessos fantasmáticos e pulsionais.

A autora (1999/ 2000) avança, ainda, com algumas características dos protocolos psicóticos que indicarão falhas nas operações mentais subjacentes à capacidade de diferenciação. Ao nível da apreensão perceptiva do material verifica-se: o predomínio da abordagem global em respostas vagas, imprecisas e sem limites, traduzindo a falta de separação clara entre os objectos; e um número considerável de respostas Dd em localizações extremamente raras, muitas vezes de má qualidade formal, que não obedecem aos princípios lógicos da percepção comum (carácter arbitrário).

São igualmente frequentes respostas que utilizam o branco como localização, assim como as manchas negras e coloridas (inversão figura /fundo), numa tentativa de nivelamento dos estímulos, cujos contornos não são percebidos. Trata-se de uma defesa anti-narcísica que neutraliza as diferenças, revelando a ausência de garantia dos limites do sujeito em relação ao objecto, com o risco corolário de dano e invasão mútuos.

A perseveração presente nos protocolos, com o aparecimento de respostas semelhantes nos diferentes cartões numa compulsão à repetição, testemunha a não-observância da prova da realidade, o insucesso das capacidades de diferenciação e a actuação de mecanismos de recusa da realidade. As falhas na qualidade da relação com o real são espelhadas pelas más formas (F-) que, em geral, subentendem estas respostas. A incapacidade de troca com o mundo exterior traduz-se na recusa em admitir novas percepções, servindo as respostas-ecrã idênticas

igualmente como barreira contra as representações do mundo interno pela privação de significações fantasmáticas.

A impossível manutenção de uma boa distância relacional, uma vez que qualquer separação significa destruição do objecto e desorganização consequente do Ego, e o impossível acesso à temporalidade levam à substituição da dimensão temporal pela espacial e do distanciamento psíquico pelo espacial.

Ao nível da imagem do corpo e da representação de si, a dissociação característica do funcionamento psicótico está ligada à angústia de fragmentação: as respostas humanas fragmentadas e as respostas anatómicas testemunham a extrema fragilidade, ou quase inexistência, de um continente que uniria as diferentes partes do corpo. É este mesmo continente que falta, segundo a autora, nos processos de pensamento: ausência de um “pensamento que pensa” (Bion), de um espaço psíquico garantido pelos limites entre dentro e fora, porque a fractura da imagem do corpo contamina as representações dos objectos e do mundo, tornando lugares indiferenciados de projecção.

Chabert justifica o aparecimento de respostas corporais e anatómicas nos esquizofrênicos ou psicóticos de longo curso, por referência à noção de Ego-pele de Anzieu. Nestes pacientes, a frequência de tais respostas seria a tradução desta figuração arcaica do aparelho psíquico, diferenciada do Ego corporal através do interdito primário do tocar, renúncia ao primado dos prazeres da pele, permitindo, assim, a existência separada do indivíduo.

Num estudo comparativo de indivíduos com esquizofrenia simples e paranóide, Dreyfus, Gay-Crosier e Husain (1983) apontam algumas características das suas produções Rorschach. A simbiose, indiferenciação entre sujeito e objecto, característica da relação de objecto psicótica, manifesta-se, ao nível da linguagem, por erros gramaticais na utilização do singular e do plural e, ao nível perceptivo, pela consideração por um só lado de um cartão de simetria, bem como por respostas de “reflexo” ou “sombra” sem nomeação de um elemento na sua origem. Num quadro de esquizofrenia simples, verifica-se a ligação das diferentes partes da mancha por um fenómeno de magnetismo, como se não pudessem existir independentemente, sendo os seus limites indefinidos (abundância de conteúdos sem forma precisa). Aqui, os esforços de luta contra a simbiose, na tentativa de desligar e manter as coisas separadas, só aparecem esporadicamente. Já na esquizofrenia paranóide, a simbiose manifesta-se nas relações de inclusão, onde um elemento desempenha o papel de continente no qual o outro se

encontra engolido. A “aproximação”, mesmo sob a forma de um olhar, suscita temores de destruição e temas de deglutição ameaçadora, numa luta massiva contra a simbiose.

Na psicose, as falhas na aquisição de uma existência separada revelam a inconsistência dos limites, que não se podem estabelecer em virtude dos englobamentos recíprocos (tanto sujeito como objecto podem ser continente e conteúdo). Isto revela-se, nos protocolos de esquizofrenia simples, pelas percepções fluidas, imprecisas, sem contorno delimitado (“água”, “terra”, “fogo”), ou pela instauração de pseudo-limites, membranas externas de objectos vazios (“contorno”), permitindo pensar que o sujeito não sente necessidade de definir exterior e interior. Nas produções paranóides, os continentes evocados são objectos que não podem ter essa função. Nestes casos, a confusão incide, geralmente, sobre o interior e exterior do corpo. A confusão entre fantasma e realidade, por sua vez, ilustrada pela ausência de distância face ao material (as interpretações surgem como se podendo materializar), manifesta-se, na esquizofrenia simples, por numerosas impressões cinéticas e, na paranóide, igualmente, por uma abundância de impressões sensoriais. De qualquer forma, o esquizofrénico (simples ou paranóide), não está inserido numa dimensão espácio-temporal clara.

A angústia de fragmentação como modo de expressão privilegiado da falta de identidade e integridade na psicose, irá manifestar-se por perturbações na representação do corpo, não apreendido como entidade, e pela dificuldade em perceber objectos totais, surgindo respostas de partes ou fragmentos de animais ou pessoas. Também aqui os autores distinguem as produções Rorschach dos esquizofrénicos simples e paranóides: nas primeiras, a fragmentação aparece como estado, em percepções de partes corporais espalhadas, não ligadas num todo; nas segundas, a tónica é posta na fragmentação como processo, por referência a um objecto que será fragmentado, muitas vezes por meio de uma acção destrutiva. Neste último caso, verificam-se inclusive tentativas de reunião dos fragmentos, assinalando um esboço da constituição do objecto que todavia não pressupõe a sua integridade, porque é constituído por “pedaços” que se podem juntar e igualmente retalhar.

Os autores concluem que a esquizofrenia paranóide é um quadro mais evoluído que a simples, cuja produção mais linear é sinal de um maior grau de arcaísmo. A acção da identificação projectiva na esquizofrenia paranóide é uma primeira tentativa de distanciamento, um reconhecimento parcial de um espaço não-Eu, um esboço de constituição do objecto, que o esquizofrénico simples não adquiriu. Face ao receio da simbiose e à angústia de fragmentação, o último dispõe de meios reduzidos de expressão, enquanto o

primeiro verbaliza abundantemente a sua problemática, assinalando o acesso a um nível superior de pensamento, como o testemunha a capacidade de elaborar um delírio.

Fernandes (1994) agrupa, igualmente, as características das produções psicóticas no Rorschach: respostas de má qualidade formal (relação com o real alterada); respostas em que a cor pode tomar o lugar dominante (falha de contenção dos movimentos pulsionais); respostas cinestésicas com valor interpretativo ou delirante; conteúdos específicos evocando a ausência de representação da integridade corporal; localizações vagas, arbitrárias e mal definidas (respostas G mal organizadas, muitos Dd em recortes raros ou bizarros e D% baixo); e verbalização muitas vezes confusa, desordenada e bizarra, tudo isto possibilitado pela utilização de mecanismos de defesa como a projecção, a clivagem e a recusa da realidade.

Estes elementos traduzem um funcionamento onde reina o ilogicismo, a inadequação ao real, a projecção directa de movimentos pulsionais, uma imagem de corpo fragmentada, sem vida e a incapacidade de simbolização e funcionamento transicional, isto é, a incapacidade de investir o objecto de características pessoais, permitindo a comunicação dos mundos interior e exterior a si, mas salvaguardando a sua independência relativa.

Num estudo de Traubenberg e Boizou (1984/ 1999) sobre o Rorschach na clínica infantil, são agrupadas características das produções de crianças com perturbações psicóticas. A indiferenciação transparece nas respostas globais ou parcelares (mais frequentes nas psicoses paranóicas) mal adaptadas ao percepto, frequentemente estereotipadas, contaminadas ou sincréticas. As imagens são referenciadas essencialmente pelas formas, muitas vezes dinamizadas (“formas dinâmicas”), na medida em que a necessidade de projecção prevalece sobre o quadro formal e sobre a capacidade de controlo associada a este determinante. Estas formas têm pouco ou nenhum sentido de realidade objectiva (F-) e revelam, com frequência, imagens de limites ténues e móveis. A projecção cinestésica ocorre essencialmente através das kan, em crianças mais novas, sendo que o que particulariza os protocolos de crianças mais velhas é a presença de kp, a par de outros elementos cinestésicos. Todos eles servem a projecção fantasmática, sobreposta à realidade objectiva. O pólo cor é muito pouco explorado e quando o é surge associado a uma vivência pulsional crua ou regressiva; podem também surgir, sobretudo em crianças mais velhas, respostas cor despojadas de qualquer valor emocional, reconhecidas e delimitadas, mas não investidas. Os conteúdos podem pertencer a registos muito diferentes, embora o papel preponderante caiba ao corpo e suas partes, aos

seres imaginários e às imagens de confusão entre reinos. Poderá dizer-se que se trata de conteúdos bizarros ou estranhos.

Neste contexto, sem limites entre si e o meio, não se trata de distinguir imagens parentais diferenciadas; quanto muito surgem referências a imagens para-humanas que exprimem a persistência de um mundo de onnipotência, com projecção sobre o outro, pouco distinto das suas próprias pulsões. Este modo de relação só existe pela sobrevivência de um laço particular estreito com uma imagem materna muito arcaica.

A incapacidade de ser inteiro é expressa nos receios de aniquilamento, na temática de fragmentação dos objectos ou do corpo, nas preocupações com a integridade corporal e na própria luta de restauração da unidade, que pode originar estruturas globais aberrantes onde os elementos se ligam forçada e arbitrariamente. Por vezes, é a ausência de permanência do objecto que se revela na fluidez do percepto transformado ao sabor das associações, na angústia de mudança constante do real, no sentimento de estranheza em relação ao mundo e na total ausência de limites ou interpretação de limites evocando a simbiose.

“A ausência de Ego estruturado, de relação de objecto possível, reenvia a criança para um mundo onde tudo está em tudo, em que os limites não existem, em que o ‘dentro’ não está protegido pelo ‘fora’ e inversamente, onde não há permanência do objecto; daí as confusões continente-conteúdo” (*op. cit.*, p. 97).

3.5. Parâmetros de análise

Iremos proceder à análise do Rorschach, tendo por base os desenvolvimentos, por um lado, da escola francesa, nomeadamente um eixo interpretativo definido por Traubenberg e Boizou (1984/ 1999) e Chabert (1997/ 1998), centrado na representação de si. Por outro lado, consideraremos os processos decorrentes da nossa revisão teórica sobre a psicose.

- *Representação de si*: a questão identitária no que respeita à diferenciação e delimitação dos espaços psíquicos próprio e do outro, interno e externo, lugares do real e do imaginário. Na psicose, todos eles se invadem e confundem, não deixando “espaço” a uma representação de si estável e unitária.

- *Processos de ligação/ desligação*: a capacidade de criação e transformação dos elementos internos e externos, na construção de um espaço psíquico coeso e em comunicação com o exterior, ou, inversamente, a incapacidade de estabelecer ligações (e o ataque às mesmas) num espaço onde reina a dispersão.

Esta análise qualitativa, centrada nos processos e movimentos intra e inter-cartões, será complementada por uma análise quantitativa, centrada nos traços salientes do psicograma que dão conta destas problemáticas. A análise far-se-á ao nível dos modos de apreensão, determinantes e conteúdos.

Ao nível dos modos de apreensão:

a) as *respostas G*

Este factor poderá dar conta da imagem que o sujeito constrói de si próprio, servindo de continente à projecção da imagem do corpo. Revelará uma imagem de corpo relativamente estável e interiorizada, a partir da referência possível a um objecto total e a uma apreensão de si enquanto sujeito, entidade íntegra face a esse objecto, ou, pelo contrário, reflectirá uma vivência corporal lacunar.

Estas respostas podem ainda revelar, através de uma delimitação vaga e imprecisa das imagens, sem contornos claros, a dificuldade ou incapacidade de discriminação entre sujeito e objecto, numa insuficiência do continente, do envelope psíquico, que torna vaga a identidade do sujeito num mundo exterior com limites pouco precisos. A indiferenciação pode traduzir-se na invasão do mundo externo sobre o interno, com a estreita dependência do sujeito face aos cartões, ou na invasão do interno sobre o externo, pelo insucesso das funções do Ego enquanto regulador pulsional.

b) as *respostas D*

Uma maioria de respostas D pode ser sustentada por uma incapacidade de apreender globalmente um objecto, visível na parcelarização contínua do material que evoca representações não ligadas, fragmentárias ou fragmentadas. A descontinuidade psíquica pode, neste caso, determinar condutas perceptivas à imagem de um self não unificado.

c) as *respostas Dd*

Estas apreensões em localizações raramente percebidas, podem evidenciar uma desinserção em relação ao real e uma abordagem do mundo arbitrária ou mesmo delirante. Os Dd “arbitrários” ilustram movimentos de um pensamento confuso, não socializado, por vezes desintegrado, que aborda o mundo em modalidades tão particulares que se torna difícil encontrar pontos de referência de um universo minimamente socializado. Noutros casos, ainda, estes Dd têm configurações bizarras ou estranhas, evidenciando a possível alienação de um pensamento ilegível e incompreensível, que se perde para além da comunicabilidade.

Ao nível dos determinantes:

a) as respostas *F*

A capacidade de delimitação entre dentro e fora pressupõe a figuração de um objecto num envelope perceptivo com um papel de membrana ou barreira diferenciadora face ao mundo envolvente. Ora, se as respostas formais demonstram a aptidão do sujeito para distinguir forma e fundo, interno e externo, revelam também a sua capacidade de integrar a diferença entre real e imaginário, na medida em que estigmatizam o esforço para manter afastadas as ingerências fantasmáticas. Neste sentido, a inadequação da qualidade perceptiva (*F-*), poderá reflectir a ausência de uma membrana diferenciadora entre dentro e fora, bem como um desinvestimento da realidade objectiva e do meio e, portanto, das relações objectais.

As *F +/-*, que caracterizam quer os engramas de conteúdos pouco definidos, quer as oscilações do sujeito e as suas hesitações entre duas ou mais imagens, poderão também estar presentes, como testemunho de um pensamento vago, que não encontra limites e deixa a realidade exterior escapar a qualquer circunscrição precisa, tornando visível a má delimitação das fronteiras entre os objectos e o próprio sujeito.

b) as respostas *cinestésicas*

Estas sublinham a diferenciação efectiva entre mundos interno e externo quando implicam o reconhecimento adequado de uma imagem perceptiva como garantia de inserção no real, e autorizam, ao mesmo tempo, sem deformação excessiva ou delirante, a ilusão necessária a qualquer conduta criativa.

A referência necessária a uma imagem humana inteira como critério de classificação das cinestésias humanas – *K-*, confere-lhes, além disso, uma grande pertinência na abordagem da representação de si. Pelas suas características de clareza, diferenciação e estabilidade, testa-se a identidade do sujeito, na pertença ao mundo humano e na capacidade de se identificar ao outro, com as suas semelhanças e diferenças. Neste sentido, refere Chabert (1997/ 1998), a ausência de *K* é frequente em protocolos de psicóticos (nomeadamente nos “inibidos”) e poderá testemunhar uma dificuldade de integração do real e do imaginário, assim como um dano da imagem de si unificada, diferenciada do objecto (tendo em conta que esta ausência é, muitas vezes, concomitante de uma quase ausência de respostas humanas). As respostas *K* presentes poderão pôr em evidência uma delimitação pouco clara entre o sujeito e o outro, traduzida por conteúdos ambíguos e uma tendência para confundir os protagonistas através de relações simbióticas ou de duplo.

É igualmente importante analisar as respostas *kan*, mais frequentes nas crianças por ser menos angustiante a projecção fantasmática sobre imagens animais do que sobre imagens humanas, que reenviam demasiado directamente para as imagens parentais. A avaliação incide igualmente sobre a definição dos limites das imagens e a problemática subjacente à projecção, possibilitando ou não a relação entre interior/ exterior, real/ imaginário.

As respostas *kp*, por sua vez, serão objecto da nossa análise, na medida em que se inscrevem, muitas vezes, num registo patológico. Enquanto percepções raras (associadas frequentemente a *Dd*) e de movimentos interpretativos, são sustentadas por mecanismos arcaicos, nomeadamente identificação projectiva, tornando-se clara a sua dimensão intrusiva e penetrante, bem como a sua desconexão formal, onde as cargas fantasmáticas intensas e partes más do sujeito são “atiradas” para o exterior sobre um objecto que se torna persecutório (é o domínio da paranóia, a psicose no seu carácter interpretativo, segundo Chabert).

c) as *respostas C*

Segundo Chabert (1997/ 1998), o excesso ou a penúria destas respostas constituem um sinal de fragilidade ou rigidez das barreiras entre dentro e fora, na medida em que este determinante constitui um índice de protecção ou de abertura, simultaneamente, às estimulações externas e aos ecos internos dessa estimulações. Contudo, a ressonância emocional da cor nas crianças não pode ser caracterizada da mesma forma que nos adultos: “(...) ela é impressionabilidade qualitativa, parte integrante da expressão emocional ou, simplesmente, projecção dos sentimentos de bem ou mal-estar” (Traubenberg e Boizou, 1984/ 1999, p.77). A expressão da vivência pulsional nas crianças ultrapassa a reacção cor, exprimindo-se tanto nas imagens formais e cinestésicas, como nas cromostésicas.

Em todo o caso, na psicose a cor pode estar associada a respostas mórbidas remetendo para o interior do corpo, isto é, para respostas anatómicas ou representações humanas fragmentadas, mostrando que as fronteiras entre Eu e não-Eu desaparecem quando as estimulações externas se tornam demasiado excitantes e revelando a incapacidade de utilizar a cor como superfície de encontro e mediação. A realidade externa aparece danificada, em consequência da insuficiência do continente que deveria envolver a realidade psíquica do sujeito. Através da fragilidade do envelope expõe-se um dentro estilhaçado e incoerente, sem unidade, sem núcleo organizador. Por outro lado, a expressão mínima destas respostas pode estar associada a um desgaste pulsional francamente patológico.

Ao nível dos conteúdos:

Serão analisados todos os conteúdos que possam dar conta da fragilidade ou inexistência de um continente corporal e psíquico estável e delimitado, isto é, qualquer conteúdo onde se evidencie a fragmentação do envelope (parcelarização ou fragmentação dos objectos) ou a sua transparência (respostas anatómicas). Também a confusão de reinos em respostas híbridas revela uma dificuldade identitária importante, pela incapacidade de identificação com a imagem humana que fundamenta a identidade numa primeira articulação diferenciadora.

A presença de representações humanas em respostas de personagens míticas ou irreais – (H) –, podendo testemunhar uma vida rica ao nível do imaginário e da fantasia, revela, no domínio da psicose (enquanto constituir o essencial da % de respostas humanas), o refúgio num mundo cortado da realidade relacional e concreta, onde reina o irreal e o delírio e onde as representações humanas carregam projecções arbitrárias ou deformantes, assinalando a indiferenciação e invasão do imaginário sobre o real, do interior sobre o exterior.

A presença de respostas humanas parcelares ou fragmentárias – Hd –, associada a formas arbitrárias, poderá dar conta de uma conotação mórbida, sobretudo se constitui a maior parte do H%. Assiste-se, então, a uma falta de integridade da imagem do corpo e/ ou existência de uma angústia de fragmentação. É neste sentido que as respostas Hd entram na contabilização do índice de angústia maior, a par dos conteúdos anatómicos e de sangue. Qualquer destes conteúdos remetem para o corpo, para a sua interioridade mal guardada, para a transparência do envelope que permite ver as suas partes constituintes (os órgãos), para a fragilidade de um continente que deixa escapar o seu fluxo vital (o sangue) ou que é facilmente penetrável.

4. Análise do Protocolo de Sara

4. 1. Análise qualitativa (cartão a cartão)

Cartão I

1. *É um cão... Apanhei um pássaro para trazer hoje... Amanhã vens? Tenho um fato de banho novo... Amanhã não venho... Ontem deitei sangue do nariz... quando estava a saltar à corda... Eu sei saltar à corda!*

2. *Um cão não... um pássaro. Ontem vomitei... eu não bebo leite... Não quero mais.*

A resposta “cão” é seguida de uma referência, fora da resposta, a um pássaro que a Sara apanhara para trazer, o que poderá ser já um indicador de dificuldades na estabilização da imagem de um objecto, ao qual rapidamente se sobrepõe um outro.

A ansiedade e a angústia suscitadas pela tarefa tornam-se visíveis quando, após a entrada na expressão, surge uma fuga quase imediata para um discurso fora da interpretação proposta, procedimento presente ao longo de todo o protocolo. A insegurança leva à procura do clínico, talvez confirmando a sua permanência – “*Amanhã vens?*”. No entanto, a proximidade parece ser tão procurada como recusada e, pouco depois, a Sara diz “*Amanhã não venho*”.

Entretanto, o comentário da Sara sobre um “*fato-de-banho novo*” parece remeter para a procura de um envelope corporal, que se revela insuficiente e inadequado para conter no interior o que é do próprio. Segue-se um derrame do próprio fluxo vital – “*Ontem deitei sangue do nariz...*”. A integridade física (e psíquica) é posta em causa, possivelmente, pelo sentimento de ameaça face à ligação e contacto com o outro. De facto, ela diz que sangrou do nariz quando saltou à “*corda*”: este elemento, frequentemente referido fora das respostas, podendo tratar-se de um objecto que liga e une ao outro, parece servir, neste caso, a procura de auto-afirmação e negação da dependência. Estamos perante um beco sem saída, onde não é possível a relação com o outro, nem uma vivência íntegra fora dessa relação, na medida em que o objecto do qual se depende é o mesmo que é sentido como invasor e ameaçador.

Num segundo momento (resposta 2), a imagem “*pássaro*” assume-se como resposta, depois da Sara a ter conseguido fixar (ou “apanhar”). Ela diz “*Um cão não, um pássaro*”, como se a mancha se alterasse para dar origem a uma outra imagem, completamente distinta. Na verdade, as representações não se distinguem claramente, antes se sobrepõem e confundem, como se a Sara oscilasse entre uma e outra. Isto parece traduzir falhas na representação dos objectos, assim como na própria representação de si, já que a figuração definida e segura dum objecto dá conta da constituição de um self integrado e diferenciado.

A interpenetração dos espaços interno e externo revela-se, novamente, num comentário que remete para um envelope corporal insuficientemente contendor. O leite que deveria constituir-se como primeiro alimento e factor de crescimento corporal e psíquico no seio da relação precoce, na verdade intoxica e é recusado – o que assume particular importância neste cartão, cujo valor simbólico remete para a relação com a mãe pré-genital, a mãe arcaica. Em vez de simbolizar um elemento de ligação ao outro, potenciador do desenvolvimento, é sentido como nefasto. É por esta razão que o seu interior não consegue conter nada que venha

do outro; tudo o que entra, sai de forma hemorrágica. A boca, local de comunicação, espaço de trocas do envelope corporal e psíquico com o exterior, serve, aqui, o propósito contrário, isto é, a anti-comunicação, por meio de uma passagem abrupta entre dentro e fora. A troca com o exterior é recusada, não só no seio da relação precoce, como também na relação intersubjectiva reactivada no aqui e agora da aplicação – “*Não quero mais...*”

A fragilidade do envelope psíquico traduz-se pela proliferação de conteúdos verificada neste cartão (nas respostas e fora delas), sem que exista entre eles qualquer ligação. Esta hemorragia interna revela a falta de contenção e o vazamento do “eu”.

Cartão II

3. *Ai! Tu pintaste! Está toda pintada... é um boneco... O Pedro ia morrendo no rio... eu não vou para o rio, pois não?*

4. *É um pássaro... isto é o bico (verm. sup.)... isto é a boca (verm. inf.)... isto é as asas (parte negra)... está a voar para cima.*

A reacção emocional ao cartão é forte, possivelmente pela introdução do vermelho, susceptível de trazer à tona afectos brutos. Material e clínico confundem-se numa mesma realidade externa, da qual a Sara se procura diferenciar. Na verdade, ela procura imobilizar quaisquer movimentos pulsionais através de uma figura desvitalizada, mas o mecanismo falha, acabando por revelar a incapacidade de gerir afectos e atribuir-lhes um significado tolerável. Irrompe, em seguida, uma angústia de morte maciça, em que a água, elemento materno por excelência, ao invés de envolver e conter, na verdade engole e afoga. Será este um movimento projectivo, onde o contacto com o outro arrasta o medo de nele ficar contido?

Este medo parece legítimo quando o outro não se distingue de si própria. É por essa razão que a Sara se refere ao Pedro, sem sentir necessidade de explicar de quem se trata: se ela e o clínico se confundem, são o mesmo, então este saberá quem é o Pedro.

Entretanto, a projecção das próprias angústias de morte sobre um terceiro – o Pedro – salda-se por um insucesso, na medida em que ela acaba por se confundir com ele e assistir ao retorno dessa angústia.

Surge novamente a resposta “*pássaro*”, percepto de má qualidade formal, no que parece ser uma perseveração da imagem do cartão anterior, dando conta, desde logo, de uma desadequação à realidade externa. A objectividade não é reconhecida, constituindo a mancha material sobre o qual a Sara projecta a sua vivência fantasmática.

A tentativa de apreensão global num cartão bilateral revela, precisamente, a falta de unidade e coesão corporais. A desorganização opera quer a nível de conteúdo – confusão de reinos (“*bico*” e “*boca*”), quer de espaço (“*bico*” no vermelho superior e “*boca*” no vermelho inferior). Parece existir uma sobreposição das imagens figuradas no cartão – o bico e as asas do pássaro e a boca do boneco. Novamente, é revelada a incapacidade de representação e de estabilização da imagem clara e adequada de um objecto, cujos elementos se aglomeram de forma desadequada e bizarra. Ao enumerá-los, a Sara parece querer assegurar-se da sua presença, contudo, submersa na incapacidade de unificação e coesão.

A imagem é, em seguida, dinamizada e posta em movimento, mostrando, possivelmente, a dificuldade de permanência desse objecto que ela “apanhara”, mas que agora está a voar, fugindo-lhe. Esta dinamização da figura poderá ser encarada, por outro lado, como uma luta contra os impulsos destrutivos e a angústia de morte revelados anteriormente, na medida em que o pássaro se pode afastar de uma ameaça (a de morrer afogado?), voando “*para cima*”.

Cartão III

5. *Dois cães...* O focinho (detalhe negro superior), uma pata e aqui outra (detalhe negro inferior).

6. *Isto é um laço...*(detalhe médio vermelho) *Eu tenho um laço em casa...* (levanta-se e vai até à janela) *Olha o Pedro!*

A apreensão da mancha em D permite uma melhor organização da Sara face ao impacto do estímulo, numa adequação perceptiva mais próxima da realidade apresentada. O vermelho, mais circunscrito que no cartão anterior, é excluído da primeira resposta e a bilateralidade do cartão reconhecida, embora sem representação de relação: são percebidos “*dois cães*”.

No entanto, num cartão onde seria de esperar a percepção de figuras humanas, num frente a frente comunicacional, a Sara percebe apenas dois cães que não veiculam qualquer tipo de comunicação, simplesmente impõem a sua presença, como barreira entre os mundos interno e externo. O elemento focinho poderá ter uma conotação agressiva, como reforço da defesa contra qualquer ameaça exterior.

A circunscrição do vermelho possibilita a atribuição de uma imagem formalmente adequada na resposta seguinte, uma banalidade. A referência pessoal que se segue, contudo, permite suspeitar do carácter concreto deste “*laço*”, tradução de uma falha dos processos simbólicos: será este laço o mesmo que a Sara tem em casa?

À semelhança da “*corda*” referida no cartão I, o “*laço*” poderá remeter para a ligação entre a Sara e o clínico, comunicação das respostas ao outro, que as recebe (continente), mas que também as suscita (conteúdo). Talvez por receio desta troca, potencialmente ameaçadora porque invasora do espaço psíquico próprio, ou arriscando o derrame do mundo interno sobre o externo, ela se levante e vá até à janela, cortando abruptamente com a tarefa de ligação que o Rorschach impõe. É novamente o Pedro que é referido, o mesmo que ia morrendo no rio, aquele para quem já foram canalizadas, no cartão anterior, as suas próprias angústias.

Cartão IV

7. (bastante perturbada) *Outra vez o pássaro! Fogo! Outra vez?* (levanta-se, vai à janela e volta a sentar-se) *Não pode ser sempre este... Outra vez o pássaro?!* (a boca no detalhe superior e as orelhas nas protuberâncias laterais) *Mais nada...*

Tratando-se de um cartão negro e compacto, provoca com frequência reacções de angústia e inquietação, o que, neste caso, assume francas proporções. Surge novamente a resposta “*pássaro*”, mas desta vez não se trata *de um* pássaro mas sim *do* pássaro, o mesmo que já fora visto nos cartões I e II, de configurações bem distintas deste. Mais do que um mecanismo de perseveração, esta resposta dá conta das falhas dos processos simbólicos: não se trata da sua representação mas do próprio pássaro (“*equação simbólica*”, Segal), eventualmente, o mesmo que a Sara diz, no início da aplicação, ter apanhado para trazer.

Este pássaro é profundamente ansiogénico, pois não é uma mera imagem ou ideia, mas sim um pássaro real, sentido com existência concreta e ameaçadora (já nos cartões I e II, emergira num contexto de ameaças à integridade física). A inquietação é visível e a Sara chega mesmo a levantar-se e ir até à janela, na procura de algum alívio, por meio de um corte com a situação. Se a mancha é, na verdade, aquele pássaro, não há possibilidade de recriá-la. Sem recursos internos que possa mobilizar face ao momento desorganizador, a Sara parece situar-se num estado de inibição ou mesmo petrificação do pensamento – “*Mais nada...*”

A confusão que subjaz esta interpretação é salientada no inquérito, onde se revelam, mais uma vez, por meio de elementos corporais humanos ou de um outro animal que não o pássaro (“*boca*” e “*orelhas*”), perturbações graves ao nível da construção da identidade.

A perturbação e a desorganização face ao cartão são atestadas pelo seu reconhecimento, na prova de escolhas, como a escolha negativa. A reacção é semelhante à do momento da

aplicação – “*Fogo! Toma!*” –, onde qualquer contacto ou visualização da mancha parecem ser temidos, como se ela constituísse um perigo real.

Cartão V

8. *É um pássaro... Outra vez? O bico (detalhe médio inferior) (levanta-se). Anda brincar. Isto é o focinho (detalhe lateral)... Para a semana vens cá? Vais para a outra sala? Anda lá para cima... falta uma peça do jogo...*

Pelo carácter unitário e proximidade do real objectivo, este cartão permite facilmente a resposta banal. A Sara dá a banalidade, mas a problemática identitária, da representação de si, revela-se quando, após o correcto reconhecimento do engrama perceptivo, a identidade da representação aparece mal destacada: é referido um “focinho” numa imagem de “pássaro”. Esta confusão representativa traduz a própria dificuldade dos processos de individuação, que parecem não ter chegado a constituir uma imagem de si estável.

A imagem pássaro, embora verbalizada como *um* pássaro e não *o* pássaro, como acontece no cartão anterior, mantém o acento nas falhas dos processos representativos. De facto, ela diz “*outra vez*”, como se se tratasse da mesma figura de anteriormente. Também a tonalidade disfórica do cartão IV parece persistir.

Surge, então, uma nova procura do clínico, uma tentativa de aproximação, de assegurar a sua permanência, possivelmente, na procura de algum controlo sobre ele, fusionando-se com ele, como se este fosse a “peça” que falta à Sara para se sentir completa.

Cartão VI

9. *É um gato... tem o focinho e os bigodes. Quero saltar à corda contigo... Tu não entras em minha casa?*

Tratando-se de uma confabulação, generalização arbitrária – “*É um gato*” – a partir de pormenores correctamente percebidos – “*focinho*” e “*bigodes*” –, esta resposta confirma as dificuldades na conciliação de movimentos internos e externos, reais e fantasmáticos. Na procura de globalidade, o que emerge é, precisamente, a dificuldade em ver o objecto como entidade e totalidade claramente diferenciada, inclusivé do próprio sujeito; os imperativos internos sobrepõem-se à percepção e ao controlo da realidade objectiva. O desinvestimento da realidade perceptiva traduz-se, igualmente, pelo que parece ser uma perseveração do elemento “focinho”, novamente destacado.

No comentário pós resposta, ressurgiu o elemento “*corda*”, parecendo remeter novamente para a procura de ligação com o outro, como se de um cordão umbilical se tratasse. Esta ausência de limites entre o eu e o outro é reforçada pela referência “*Tu não entras em minha casa?*”, que parece traduzir o desejo e, ao mesmo tempo, o receio ou a impossibilidade de acolher o outro dentro de si (a casa enquanto “eu”). A ligação ao outro é procurada, mas acarreta medo de invasão no seu espaço e de perda do que lhe é próprio.

Cartão VII

10. *É um cão...*

11. *É uma menina igual a esta (agarra numa boneca)... é irmã desta, mas não é minha irmã... isto é o nariz, o focinho... tem o cabelo atado com uma corda (detalhe superior)... Depois vais brincar comigo lá fora? Só comigo está bem? Eu tenho uns sapatos novos.*

A procura de uma unidade por meio da apreensão global na primeira resposta, é conseguida pelo afastamento da realidade objectiva, que parece não ser tida em consideração. A impressão que temos é a de que, qualquer que fosse a configuração da mancha, a resposta poderia ser esta, na medida em que reina a necessidade de projecção e revelação de vivências internas, em detrimento de qualquer adaptação ao exterior. “*Cão*” é, de facto, uma imagem recorrente no protocolo, independentemente do percepto de base, e, mesmo quando não se assume como resposta, parece ser frequentemente reactivada, pois nunca verdadeiramente distinta de outras representações, através do seu elemento corporal “*focinho*”.

Na resposta 11, ressaltam, mais uma vez, as falhas nos processos de simbolização, na medida em que a “*menina*” da mancha, embora se trate de uma resposta perceptivamente adequada, é equacionada à boneca que a Sara traz consigo, são iguais, são irmãs. Não se trata, então, do apelo à representação interna de uma menina, mas sim, como diria Segal, de uma “*equação simbólica*”, em que a mancha, a boneca e ela mesma se confundem.

Em seguida, alguma diferenciação entre ela própria e o objecto é procurada (“*é irmã desta mas não é minha irmã*”), revelando, contudo, a própria indistinção que tenta negar.

A confusão revela-se, ainda, no que parece ser uma nova sobreposição de representações: “*nariz*” (da menina) e “*focinho*” (do cão da resposta anterior). São os reinos animal e humano que se confundem, dando conta de uma dificuldade importante de figurar um objecto com identidade clara, distinta de outros objectos e de si própria. Além disso, se em vez de uma cara, veículo directo da comunicação entre os seres humanos, esta menina tem um focinho,

fica minada a capacidade expressiva. A comunicação só é possível a um nível primário, não verbal, eventualmente agressivo (se o focinho for sentido como podendo morder).

A “*corda*” surge novamente no protocolo, desta vez, atando o cabelo. Neste caso, parece ter a função de unificação corporal, de forma a evitar a dispersão dos seus elementos, fragilmente contidos na mesma representação. Para o sentimento de dispersão terá contribuído o esbatimento dos contornos da imagem, facilitando a interpenetração dentro/ fora.

No final de várias respostas ao longo do protocolo, assim como neste cartão, a Sara procura o clínico. O desejo de estar ligado ao outro numa relação de exclusividade, de fazer dele um prolongamento de si próprio, parece estar sempre presente.

Destacamos ainda a referência da Sara aos “*sapatos novos*”, possivelmente enquanto envelope corporal, de suporte e contenção do interno face ao contacto com o exterior. Este envelope cobre apenas uma pequena parte do seu corpo, contudo, fundamental, na medida em que permite uma vivência individual e independente, e, ao mesmo tempo, a ligação e o contacto com o exterior, com o outro: *ir ao encontro de*, ou evitar esse encontro pela *fuga*.

Cartão VIII

12. *É amarelo... azul, roxo e verde...*

13. *Está mal... isto é um pássaro... isto é o focinho (parte cinzenta) e as orelhas (parte rosa).*

A introdução da cor parece ter um forte impacto na organização da Sara face ao estímulo. Ao invés de contribuir para a determinação de uma resposta, a cor é apenas nomeada, sem qualquer representação inicial. A ausência representativa poderá ser compreendida se encararmos este elemento sensorial como parte do mundo exterior, que solicita, por isso, o investimento da realidade externa, a comunicação e a troca. Se ele se impõe ao sujeito de maneira inequívoca, ser-lhe-á mais difícil negar essa exterioridade, quando a barreira entre mundos interno e externo, particularmente investida no caso da Sara, se encontre fragilizada.

A desorganização perante a estimulação sensorial é confirmada na resposta seguinte, em que é visível a dificuldade de abertura à realidade externa. “*Está mal...*” diz a Sara. É a imagem recorrente de “*pássaro*” que emerge, em detrimento de qualquer adequação ao percepto ou determinação sensorial. Para além da desadequação perceptiva, verifica-se a atribuição de qualidades distintas das de um pássaro – “*focinho*” e “*orelhas*”. O agrupamento desadequado destes elementos corporais e a sua dispersão espacial traduzem as dificuldades

da Sara na constituição de uma unidade íntegra e coesa, às quais estará subjacente a incapacidade de atribuição de significado aos vários elementos (quer internos, quer externos). Sem significado, desligados e dispersos, estes elementos tornam-se estéreis, traduzindo-se, no Rorschach, pela repetitividade e pobreza associativa das imagens.

Sem possibilidade de recorrer a uma representação unitária e íntegra de um objecto, distinta do próprio self, a mancha não pode ser contemplada no seu carácter de objectalidade, mas apenas como uma extensão do próprio mundo interno; assim, a atribuição de significado não passará pelo que é partilhável, mas apenas pelo que é pessoal e hermenêutico.

Cartão IX

14. *É a Sofia... isto é tudo a cara dela... ela mora na casa dela... eu dou-lhe um murro... ela vai ver... ela diz que me vai bater...*

15. *É o Nuno e a Raquel a dar um beijinho...*

A Sara dá uma primeira resposta que, mais uma vez, revela a falência dos processos simbólicos. Quando diz “*É a Sofia... isto é tudo a cara dela*”, ao invés de evocar a representação de uma pessoa, a mancha assume-se como a própria pessoa, deixando de ser tida em conta como configuração perceptiva simultaneamente objectiva e ambígua. Para além disso, a Sara não sente a necessidade de explicar quem é a “*Sofia*” (tal como aconteceu com o “*Pedro*”, no cartão II), pois o clínico saberá de quem se trata da mesma maneira que ela. Assim, para além da indiferenciação entre o real e o imaginário, é a própria indiferenciação entre o eu e o outro que aqui se manifesta.

As falhas ao nível da simbolização estão igualmente patentes na resposta 15, “*o Nuno e a Raquel a dar um beijinho*”, cuja percepção não tem carácter representativo, mas sim de concretude, de realidade quase palpável. A indiferenciação entre a Sara e o clínico é visível, novamente, na referência a pessoas que só ela conhece, sem qualquer outra explicitação.

Tratando-se de um cartão indutor de afectos regressivos, verifica-se a sua difícil gestão, provocando na Sara, inicialmente (resposta 14), sentimentos persecutórios de invasão e ameaça. Isto é particularmente importante, se tivermos em conta que a relação com a mãe pré-genital, para a qual o cartão reenvia, será vivida desta forma, profundamente nefasta para a constituição da individuação e para o desenvolvimento. A luta por esta individuação traduz-se na afirmação “*ela mora na casa dela*”, em que se procura afastar o outro, delimitando-lhe um

espaço próprio. No entanto, a ameaça permanece, suscitando a projecção de movimentos agressivos e destrutivos.

A mudança de orientação pulsional na resposta seguinte poderá dar conta da procura de anulação do movimento destrutivo projectado anteriormente. Não se tratando de uma verdadeira reparação do objecto, antes remeterá para uma clivagem entre bom (amoroso e afectivo) e mau objecto (persecutório), assim como entre bom (que tolera a separação e a sua própria exclusão face a uma outra relação) e mau self (que procura destruir o outro).

Cartão X

16. *Isto é amarelo... Eu sei as cores, pois sei? Eu não como algodão doce... eu vou às marchas... tenho um fato bonito. Tu também vais está bem? Hoje é dia 20? A Rita faz anos...*

17. *Isto é azul. O que é?* (dirigindo-se ao clínico)

18. *É um pássaro... tem focinho (cinzento superior) e asas (detalhe inferior lateral castanho)... (toca no cabelo do clínico) Eu não sei atar o cabelo... tu sabes fazer caracóis no cabelo?*

O carácter disperso do cartão parece ter um impacto desorganizante, de tal forma que nenhuma resposta é dada inicialmente. Parece não ser possível a união entre os elementos para figurar uma imagem, restando a recusa e a fuga à tarefa de ligação, através de uma nomeação cor e de comentários fora da resposta. São estes mesmos comentários que lançam alguma luz sobre a vivência que subjaz a esta desligação.

As cores parecem induzir na Sara alguma euforia, traduzida na referência a festas (marchas, aniversário) e na labilidade do discurso. Contudo, esta estimulação exterior não é aceite facilmente e algumas barreiras são erguidas. A recusa surge, mais uma vez, através da boca, elemento primordial de troca com o exterior: “Eu não como algodão doce”, guloseima geralmente bastante apreciada pelas crianças, associada a festas, enquanto espaços de comunicação com o exterior e, ao mesmo tempo, de apelo à fantasia.

O “*fato*” parece servir, ao mesmo tempo, a unificação do self perante a dispersão e a protecção do mesmo face ao medo de invasão que a forte estimulação exterior acarreta.

Entretanto, o clínico é requisitado para permanecer consigo em relação de proximidade, eventualmente, sobre o seu controlo, como prolongamento de si própria. Este apelo é particularmente importante, dado que este é o último cartão da aplicação e que, por isso,

arrasta o medo da ruptura e da separação. A referência ao “*fato bonito*” poderá traduzir este mesmo apelo, numa tentativa de cativar o outro.

A incapacidade de ligação permanece na resposta 17, sendo, entretanto, solicitada a ajuda do outro, sem o qual a Sara parece demonstrar não ser capaz de funcionar.

A Sara dá, finalmente, uma imagem (resposta 18), mas onde são visíveis as dificuldades de unificação e integração. A representação de si não pode constituir-se perante elementos corporais dispersos e pertencentes a animais distintos. É a figura “*pássaro*” que reemerge, revelando a procura incessante de uma imagem que permaneça (“apanhar o pássaro”), independentemente das mudanças. Parece traduzir a procura de uma representação que, na verdade, não se constitui. A perseveração é de tal ordem que torna ausente qualquer sentido, quer a nível externo (a realidade objectiva é totalmente negligenciada), quer a nível interno (a representação não é contida no espaço interno, indistinto e confundido com o exterior).

A dificuldade de ligação das partes do self é verbalizada através de um comentário sobre a própria dificuldade de unificação corporal: “*Eu não sei atar o cabelo*”. A esta manifestação segue-se um apelo ao outro para que a ajude nesta tarefa de ligação – “*Tu sabes fazer caracóis no cabelo?*”, o que poderá ser encarado como um sinal de esperança, na medida em que a relação é procurada e desejada, podendo vir a constituir-se como potenciadora de desenvolvimento de um espaço psíquico próprio, distinto e em comunicação com o exterior.

4.2. Análise quantitativa

4.2.1. O psicograma

Psicograma Resumido					
R: 18	G: 10	F: 13	F%: 72	A: 10	A%: 61
	DG: 1	F+: 3	F+ %: 17	H/A: 1	H%: 17
	D: 4	F-: 10		H: 1	
				Hd: 1	
	G%: 61	K: 1		Obj: 2	
	D%: 22	kan: 1			
T.R.I.: 1K/ 0ΣC				Ban: 2	
F.C.: 1 kan/ 0ΣE				(Ban): 1	

4. 2. 2. Análise dos traços salientes do psicograma

Da análise dos modos de apreensão, ressalta a elevada percentagem de respostas G (61%), em detrimento da percentagem de apreensões em detalhe, bastante reduzida (22%).

A maioria destas respostas globais parece traduzir uma necessidade indiferenciada de projecção, sem consideração pelas características objectivas da mancha. A procura dum objecto global e unitário, parece não permitir uma visão mais detalhada ou pormenorizada, talvez porque tal implicaria dividir a mancha, colocando em causa a integridade e coesão, face a uma forte sensibilidade à dispersão.

Na verdade, se a resposta global pode ser considerada como um continente da projecção da vivência do corpo, verifica-se que a constituição de uma unidade é conseguida, não por meio de uma ligação adequada e coerente do objecto, mas sim por meio de uma aglomeração sem sentido, frequentemente bizarra.

É a invasão do mundo interno sobre o externo que se verifica quando emergem no protocolo figuras que, em detrimento de qualquer adequação perceptiva, parecem remeter somente para uma vivência pessoal e fantasmática, no aparente desinvestimento da realidade exterior. A confabulação do cartão VI, onde é dada uma resposta global a partir de detalhes correctamente percebidos, demonstra, precisamente, o resvalar do controlo objectivo, após uma primeira adequação perceptiva.

O desinvestimento da realidade exterior é confirmado pela elevada percentagem de F (72%), face à escassa percentagem de F+ (17%). Se a apreensão pela forma poderia remeter para uma capacidade de controlo sobre a realidade, o que se verifica, neste caso, é o seu fracasso quase completo, face a uma realidade interna que se impõe com tal força de projecção, que não permite qualquer ligação ou conciliação com a realidade externa.

Na verdade, não se pode estabelecer uma ligação com algo que não se diferencia do próprio. A ausência de limites entre interior e exterior, sujeito e mancha, mundos imaginário e objectivo, verifica-se pela própria ausência de um envelope perceptivo adequado e estável dos objectos. Este envelope não confere significado e coerência ao objecto que contém, antes agrupa elementos de forma confusa e oscilante. Por vezes, é a projecção de uma imagem sem qualquer preocupação de delimitação perceptiva que emerge, como no cartão IX, em que a Sara diz “*É a Sofia... isto é tudo a cara dela (...)*”.

As cinestésias estão quase ausentes do protocolo, o que parece indicar dificuldades na criação de um espaço transitivo, onde se joguem, ao mesmo tempo, movimentos internos e

externos. De facto, as formas que sustentam as duas cinestésias do protocolo – uma kan (cartão II) e uma K (cartão IX) – são totalmente desadequadas ao percepto, testemunhando a desinserção face ao real e a incapacidade de transformar a mancha num produto, simultaneamente, com características dos mundos interno e externo.

O que se revela nestas imagens é apenas a projecção de vivências internas, desintegradas, não simbolizadas. Na kan do cartão II, a capacidade representativa parece inoperante quando o objecto figurado se apresenta sem diferenciação clara ou estabilidade: o “*pássaro*” que “*está a voar para cima*”, tem bico e boca. A hipótese de existência de falhas na própria representação de si, é reforçada pela K do cartão IX, quando as figuras humanas representadas são precedidas de uma resposta humana parcelar (qualquer uma das respostas estando totalmente desadequada às características objectivas da mancha).

A cor não determina qualquer resposta do protocolo, sendo apenas nomeada nos cartões VIII e X, o que confirma as dificuldades de abertura ao mundo exterior e a incapacidade de utilizar este elemento sensorial como meio de ligação entre interno e externo. O seu impacto é notório, mas não permite qualquer atribuição de significado.

O T. R. I. coartativo (1K: 0ΣC), bem como a F. C. (1kan: 0ΣE) que vai no mesmo sentido, testemunham, pela reduzida expressão dos dois pólos, o bloqueio e restrição das manifestações da Sara face à tarefa. A sua capacidade de mobilidade e adaptação é bastante reduzida, restringindo-se, essencialmente, como já vimos, a reacções formais. O estabelecimento de um contacto afectivo verdadeiro e potenciador de crescimento psíquico parece minado pelas dificuldades de interiorização e pela rigidez defensiva.

Finalmente, os conteúdos das respostas são bastante limitados: predominam os conteúdos animais (A%: 61) e o H% é apenas de 17%. Apesar de ser esperado que as crianças dêem conteúdos animais com mais facilidade que conteúdos humanos, o que se revela mais preocupante é a presença de apenas uma resposta humana inteira, a par de uma resposta humana parcelar e de uma resposta híbrida (H/A). A dificuldade em se identificar claramente com a imagem humana e a sua parcelarização remetem para uma dificuldade identitária importante, pela ausência de uma representação de si íntegra e delimitada.

Mesmo nos conteúdos animais, verifica-se que, para além de uma desadequação perceptiva notória, as imagens apresentam qualidades diferentes das do animal percebido. As características que conferem a estes animais a sua pertença a determinada espécie, distinta de qualquer outra, não são reconhecidas.

5. Discussão

Numa primeira leitura, o protocolo da Sara revela a pobreza associativa das respostas e a repetição e limitação dos modos de apreensão, determinantes e conteúdos. Se uma análise meramente quantitativa já seria limitada para nos falar sobre a Sara, não obstante poder lançar algumas luzes sobre o seu tipo de funcionamento, por comparação com normas previamente estabelecidas, mais o é, neste caso, onde a riqueza do protocolo emerge, sobretudo, dos comentários fora das respostas, fora da cotação. A análise qualitativa é particularmente importante, podendo dar conta do “jogo” da interpretação Rorschach, onde se conciliam movimentos internos e externos, reais e fantasmáticos, e onde se podem observar os avanços e recuos face à tarefa de ligação e comunicação.

As respostas traduzem-se, maioritariamente, por apreensões globais formalmente desadequadas à realidade perceptiva. Algumas imagens repetem-se ao longo do protocolo (“cão” e “pássaro”), independentemente da configuração da mancha, sobrepondo-se. Pertencentes a reinos ou animais distintos, os elementos corporais aglomeram-se numa mesma figura (“bico”, “boca”, “focinho”, “nariz”, “asas”), pretensamente unitária, íntegra e com identidade definida.

A procura de uma unidade a todo o custo revela, precisamente, através destes agrupamentos bizarros, da instabilidade e da falta de coesão das imagens, a ausência de representações de objecto, assim como de uma representação de si, plenamente constituídas. São os processos simbólicos que se mostram inoperantes. Para que qualquer objecto permanecesse enquanto tal no interior do sujeito, teria que se tornar símbolo, isto é, possuir um significado face a outros significados. O que parece verificar-se, no caso da Sara, é que os objectos são sentidos como “coisas”, elementos concretos, sem significado representativo (“equações simbólicas”, Segal): “o pássaro” (cartão IV), a “menina” igual à boneca que traz consigo (cartão VII). Tais objectos não podem ser pensados, apenas sentidos como presenças reais, chegando, por isso, a ser ameaçadores. No cartão IV, por exemplo, a Sara diz “*Outra vez o pássaro! Fogo!*”, levantando-se, em seguida, para ir à janela, como se aquela mancha se transformasse na presença de um objecto real intolerável, perante a qual só lhe resta fugir. Depois desta imagem, a angústia parece provocar um bloqueio de tal dimensão na capacidade associativa da Sara, que mais nenhuma pode ser figurada; é a desligação de todos os elementos, o deserto representativo – “*Mais nada...*”

Sem significado, qualquer elemento, externo ou interno, permanece desligado restando-lhe apenas, num impulso de luta contra a dispersão, aglomerar-se com outros a ponto de se confundirem. Isto provoca profundas angústias de morte, igualmente incompreensíveis.

A confusão entre o que é próprio e o que provém da realidade externa remete para a fragilidade das barreiras que delimitam estes mundos. É, antes de mais, o envelope corporal, como superfície que deveria delimitar e, ao mesmo tempo, permitir o contacto e a troca, que não se estabelece firmemente. Assim, o interior do sujeito é invadido pelo que é externo (“*Ontem vomitei... eu não bebo leite*” no cartão I), bem como “derrama” sobre o mundo exterior (“*Ontei deitei sangue do nariz...*” no cartão I), no qual se projecta a ponto de nele se perder. Quando os próprios elementos corporais estão sujeitos a dispersão, isto é, quando não possuem um significado que os ligue numa imagem de si unificada e coesa (“*cabelo atado com uma corda*” no cartão VII), com identidade delimitada – “*menina (...) isto é o nariz, o focinho*” no cartão VII, a representação de si será, de igual forma, desintegrada.

A realidade externa, não representada, sem lugar delimitado no interior do sujeito, funciona como uma massa indistinta, onde os vários objectos se confundem: material e clínico são equacionados (“*Tu pintaste!*”, no cartão II), bem como as imagens figuradas (“*cão*”, “*pássaro*”, “*boneco*”, “*menina*”). Esta realidade também não se distingue claramente daquilo que é próprio do sujeito, que passa a fazer parte do mesmo aglomerado (“*menina igual a esta... é irmã desta, mas não é minha irmã*”, no cartão VII).

Compreende-se, desta forma, o desinvestimento na objectividade da realidade externa que funciona como um prolongamento da própria realidade interna, como base de projecções fantasmáticas. Se a identidade ténue e fragilizada da Sara é desafiada a um trabalho de ligação com o exterior, de conciliação de movimentos internos e externos, reais e fantasmáticos, a dificuldade em estabelecer esta troca, sem que cada elemento perca a sua própria identidade, irá acarretar temores profundos. O que se verifica, na emergência de angústias de morte, é o receio de se “dissolver” no outro, de ser “engolido” por essa massa indistinta que a rodeia e da qual não se pode diferenciar claramente (“*O Pedro ia morrendo no rio... eu não vou para o rio, pois não?*”, no cartão II).

A angústia surge, precisamente, porque não existe uma identidade consistente que lhe permita uma vivência independente. A procura do outro é constante porque depende dele para funcionar. O impasse diz respeito à sua dependência face a um objecto sentido, ao mesmo tempo, como ameaçador, invasor, não lhe permitindo a individuação. Compreende-se, assim,

que a Sara procure assegurar-se da presença do clínico de forma constante, lidando com ele como um prolongamento de si própria: “*Anda brincar (...). Para a semana vens cá? Vais para a outra sala? Anda lá para cima... falta uma peça do jogo*” (cartão V), “*Eu vou às marchas (...) tu também vais está bem?*” ou “*Quero saltar à corda contigo... Tu não entras em minha casa?*” (cartão VII).

Por outro lado, observam-se fugas repentinas ao contacto e à ligação da tarefa Rorschach. Estes cortes verificam-se quando a Sara, repetidamente, se levanta e vai até à janela; quando, no cartão I, diz “*Amanhã não venho*” depois de solicitar o clínico (“*Amanhã vens?*”); e quando recusa interiorizar o que vem do exterior e que implica, por isso, o estabelecimento de alguma relação (“*Ontem vomitei... eu não bebo leite*” no cartão I e “*Eu não como algodão doce*”, no cartão X), recusa que surge de forma directa no cartão I – “*Não quero mais...*”

O outro só pode ser considerado como uma “peça”, elemento inanimado ao serviço do próprio. Neste sentido, a comunicação verdadeira, registo de um funcionamento transitivo, no sentido de troca entre dois mundos, não poderá ser permitida, uma vez que investir o exterior de características pessoais, sem que estes dois mundos se percam um no outro, implica a separação estável entre sujeito e objecto.

Entretanto, se a psicose é definida como um corte de comunicação com o exterior e, mais particularmente, da apetência afectiva para se relacionar com o outro, a Sara lança um sinal de esperança face ao seu desenvolvimento quando demonstra o desejo de estar em contacto e apela para que o outro não se afaste, demonstrando o seu receio face a uma possível ruptura. Não se tratando de uma verdadeira comunicação, no sentido de “entrar em relação com” que pressupõe o contacto de duas individualidades distintas, o apelo persiste, embora de forma muito pessoal e desviada, pois defensiva contra as ameaças de desintegração. É neste sentido que a Sara diz “*Quero saltar à corda contigo... Tu não entras em minha casa?*” (cartão VII). A “*corda*”, objecto de ligação entre elementos, remeterá para a própria ligação que a Sara procura estabelecer com o clínico, uma “*amarra*” que force a união dos dois. Este elemento parece remeter, ainda, para a própria necessidade de unificação interna, no seio da dispersão e desintegração: “*cabelo atado com uma corda*” (cartão VII) ou “*Eu não sei atar o cabelo... tu sabes fazer caracóis no cabelo?*” (cartão X). O outro é solicitado para ajudar na tarefa de união e coesão do próprio mundo interno, através da atribuição de significado tolerável aos vários elementos (internos e externos) dispersos – “*Isto é azul, o que é?*” (cartão X).

De qualquer forma, o apelo ao outro existe e é constante, o que afasta a hipótese de uma desligação completa do mundo exterior, que acabaria por derivar numa “morte” pulsional, de qualquer movimento de vida, uma vez que só o contacto e a troca com o exterior constituem “alimento” da vida psíquica, sem o qual o mundo interno se torna num terreno estéril.

6. Conclusão

Falar do espaço psíquico é falar do mundo interno de um indivíduo e, inevitavelmente, da sua delimitação, diferenciação e comunicação face à realidade que o rodeia.

O psicótico estabelece uma relação particular com a realidade. Na verdade, não se pode falar de relação, na medida em que o contacto entre as realidades interna e externa não prevê a separação. O outro é encarado como um prolongamento do próprio, como uma “peça” sem a qual não lhe é possível funcionar. De facto, ao longo do protocolo da Sara, verifica-se que a diferença entre o eu e o outro é repetidamente negada. Podemos pensar ser a angústia ligada à consciência de separação que não pode ser tolerada, o que implica a existência de algum reconhecimento desta distância. Tratar-se-á, então, de um tipo de relação confusional, mas onde existe, apesar de tudo, alguma consciência de separabilidade; um estado de desintegração por oposição ao estado de não integração do autismo, segundo Tustin.

A confusão eu/ outro revela-se nos apelos constantes ao clínico, não como objecto total, mas como parte de si própria. O que é transmitido – elementos sem sentido comunicativo, apenas evacuativo – não necessita de ser explicado ao clínico que compreenderá o que é dito.

É a realidade externa na sua globalidade e objectalidade que não é reconhecida e não impõe qualquer constrangimento à realidade interna. De facto, a Sara parece não ter em consideração as qualidades perceptivas da mancha, que serve apenas de base à projecção dos seus movimentos internos. Não se trata da remodelação da realidade exterior em função de imperativos internos, condição do equilíbrio e do desenvolvimento psíquicos, mas sim do seu desinvestimento enquanto objecto, testemunho de uma confusão e indiferenciação entre externo e interno, real e fantasmático.

É a ausência de uma estrutura delimitante do psiquismo que se revela, uma “pele psíquica” (Bick) permeável, um “envelope psíquico” (Houzel) insuficientemente contentor, um “ego-pele” (Anzieu) não diferenciado. Sem este continente psíquico, mundos interno e

externo invadem-se e confundem-se. E assim assiste-se, no protocolo da Sara, a uma proliferação de conteúdos desligados, como se o self se esvaziasse projectando-se no exterior. A ausência de fronteiras faz com que a passagem entre os dois mundos seja abrupta, pelo que nem o que é do próprio, nem o que vem do exterior pode ser contido no espaço interno.

Sem reconhecimento do eu e do outro como entidades separadas, o espaço transitivo não se constitui, isto é, não há um espaço *entre* o interno e o externo, que possibilite a troca e a comunicação, preservando a sua independência relativa. Se este é o espaço da simbolização, criatividade e comunicação, o que dizer das capacidades de ligação do universo psicótico?

Se simbolizar é atribuir significado aos vários elementos (internos e externos), então o símbolo é também uma ligação – o significado é-o, precisamente, na relação com outros significados. Na psicose, não só a comunicação com o mundo externo é minada pelo fracasso simbólico, como os próprios elementos e partes da personalidade do sujeito se encontram desligadas entre si, dispersas. Em vez de símbolos propriamente ditos, o psicótico constitui apenas “equações simbólicas”, um tipo de função simbólica, segundo Segal, em que o “símbolo” não se distingue do que é simbolizado e é sentido como “coisa” igualmente concreta. É a falha dos processos simbólicos que está em causa quando a Sara parece não distinguir a representação de um objecto do próprio objecto representado, cujo exemplo mais notório é a resposta ao cartão IV – “*Outra vez o pássaro!(...)*”

Se o objecto não pode ser interiorizado, simbolizado, também não pode ser pensado. Bion refere que, na origem do funcionamento psicótico, está uma incapacidade precoce de tolerar a ausência do objecto, de tal forma que a frustração não pode dar lugar ao pensamento (“não-seio, um pensamento”), mas apenas a uma angústia crescente, perante uma ausência que é sentida como a presença concreta de um objecto mau.

Perante o sentimento de ameaça, o psicótico parece não encontrar outra alternativa senão evacuar toda a angústia sobre o outro de forma destrutiva. É o movimento de identificação projectiva que opera incessantemente, a ponto de impedir a constituição do objecto enquanto tal, mas também a constituição do próprio self, cada vez mais clivado e projectado no exterior, desintegrado. O mecanismo que deveria fundar o espaço psíquico, serve, neste caso, a sua própria desintegração.

As dificuldades ao nível da representação de si e dos objectos revelam-se, no protocolo da Sara, na falta de unidade das figuras e na desligação dos seus componentes. Na mesma representação são aglomeradas qualidades totalmente distintas, resultando inclusivé numa

resposta híbrida no cartão VII – “*É uma menina (...) Isto é o nariz, o focinho (...)*”. É a procura incessante de uma unidade que se revela ineficaz, tanto pela inadequação perceptiva, como pela falta de coesão, integridade e estabilidade.

A coesão e integridade do espaço psíquico do psicótico não podem ser preservadas, quando não foi constituído um self próprio, com possibilidade de comunicação e de troca com os objectos internos e externos. É assim que nos deparamos com um espaço psíquico semelhante a um terreno sem limites, estéril à transformação e à emergência de significados e de ligações estáveis, que permitam o crescimento e o desenvolvimento da vida psíquica. A pobreza associativa, a repetitividade e a perseveração das imagens ao longo do protocolo são disso testemunho.

Quando falamos das dificuldades de comunicação na psicose, contudo, não se trata de uma carência comunicativa, até porque, dada a sua extrema dependência, o psicótico tem uma forte necessidade de comunicar. Se a consciência de separação, implícita ao acto de comunicar com outro, acarreta ameaças de desintegração, compreende-se que a mensagem surja de forma desviada e defensiva.

Foi precisamente esta mensagem que nos propusemos decifrar, procurando fazer emergir o seu significado inconsciente, relativamente aos movimentos de ligação e de desligação entre os elementos internos e externos do universo psicótico. O que aqui foi apresentado é resultado do nosso próprio trabalho de ligação dos elementos evacuados e dispersos neste espaço da situação Rorschach.

Se, no início deste trabalho, nos questionámos sobre a possibilidade de alcançar uma compreensão da psicose, enquanto funcionamento desviado e afastado da “normalidade”, pudemos apercebermo-nos, ao longo da investigação, que uma compreensão verdadeira desta realidade só é possível na medida em que pudermos ouvir o sujeito e aprender a sua linguagem pessoal e particular. O seu discurso não é, de facto, partilhável, mas contém em si uma comunicação carregada de significado, onde o apelo ao outro e a uma ligação são constantes.

O sofrimento inerente a esta realidade será ampliado, enquanto não se puder escutar e responder, de alguma forma, a estes apelos, desistindo-se de procurar compreender e marginalizando-se, ainda mais, um universo, já por si, desligado e disperso.

Referências Bibliográficas

Anzieu, D. (1985). Le Moi-Peau. Paris : Bordas

Anzieu, D., Houzel, D., Missenard, A., Enriquez, M., Anzieu, A., Guillaumin, J., Donon, J., Lecourt, E. & Nathan, T. (1987). Les Enveloppes Psychiques. Paris : Bordas

Badaracco, J. E. G. (1986). La identificación y sus vicisitudes en la psicosis –la importancia del concepto « objeto enloquecedor ». International Journal of Psycho-Analyse, 67, 217-227

Bégoïn, J. (1994). L'Être, l'Espace et le Temps : les travaux de Meltzer sur l'autisme (1975), p. 91-114, in Autismes de l'enfance. Paris : Presses Universitaires de France.

Bégoïn-Guignard, F. (1989). Symbolisation et géographie des identifications. Rev. Franç. Psychanal., 6, 1681-1694

Bick, E. (1968/ 1991). A experiência da pele em relações de objecto arcaicas, in Melanie Klein hoje, 1, 194-198

Bion, W. R. (1962/ 1987). Aprendiendo de la experiencia. Buenos Aires: Editorial Paidós

Bion, W. R. (1967/ 1988). Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts). Rio de Janeiro: Imago Editora

Britton, R. (1992/ 1994). A situação edípica e a posição depressiva, p. 48-59, in Conferências Clínicas sobre Klein e Bion. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Chabert, C. (1997/ 1998). O Rorschach na clínica do adulto. Lisboa: Climepsi Editores.

Chabert, C. (1999/ 2000). A psicopatologia à prova do Rorschach. Lisboa: Climepsi Editores.

Daniel, P. (1992/ 1994). Análise de crianças e o conceito de fantasia inconsciente, p. 27-36, in Conferências Clínicas sobre Klein e Bion. Rio de Janeiro: Imago Editora.

- Dias, A. (1988). Para uma psicanálise da relação. Porto: Edições Afrontamento.
- Dreyfus, A., Gay-Crosier, I. & Husain, O. (1983). Esquizofrenia simples e esquizofrenia paranóide através do Rorschach. Análise Psicológica, 1 (IV), 89-110.
- Fernandes, I. B. (1994). Rorschach e psicopatologia. Análise Psicológica, 4 (XII), 463-468.
- Grotstein, J. S. (1978). Inner Space : its dimensions and its coordinates. International Journal of Psycho-Analyse, 59, 55-61
- Houzel, D. (1991). Pensée et stabilité structurelle – a propos des theories postkleiniennes de l'autisme infantile. Revue Internationale de Psychopathologie, 3, 97-110
- Houzel, D. (1994). Les modèles topologiques, in Traité de Psychopathologie, 921-958
- Houzel, D. (1996). The family envelope and what happens when it is torn. International Journal of Psycho-Analyse, 77, 901-911
- Houzel, D. & Catoire, G. (1991). Psychose et espace de pensée. Adolescence, 9 (1), 9-21
- Mancia, M. (1987/ 1991). O sonho como religião da mente. Lisboa : Escher.
- Marques, E. M. (1999). A psicologia clínica e o Rorschach. Lisboa: Climepsi Editores.
- Marques, E. M. & Aleixo, P. (1994). O Rorschach e a revelação do trabalho de ligação e de transformação do interno e do externo. Análise Psicológica, 4 (XII), 459-462.
- Meltzer, D. (1984). Concepts d' «identification projective» (Klein) et de «contenant-contenu» (Bion) en relation avec la situation analytique. Reviste Française de Psychanalyse, 48 (2), 541-550
- Sami-Ali (1987/ 1992). Da psicose – uma teoria psicossomática, in Pensar o somático. Imaginário e Patologia. Lisboa: ISPA

Segal, H. (1991/ 1993a). Simbolismo, p. 45-61, in Sonho, Fantasia e Arte. Rio de Janeiro: Imago editora.

Segal, H. (1991/ 1993b). Espaço mental e elementos do simbolismo, p. 62-74, in Sonho, Fantasia e Arte. Rio de Janeiro: Imago editora.

Silva, D. R. (1994). Metodologia de Investigação e Novos Avanços no Sistema Integrativo do Rorschach (S. I. R.). Análise Psicológica, 4 (XII), 493-510.

Spillius, E. B. (1992/ 1994). Experiências clínicas de identificação projectiva, p. 73-87, in Conferências Clínicas sobre Klein e Bion. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Steiner, J. (1992/ 1994). O equilíbrio entre as posições esquizo-paranóide e depressiva, p. 60-72, in Conferências Clínicas sobre Klein e Bion. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Trautenberg, N. R. (1983). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no Teste de Rorschach – O Rorschach: espaço de interacções. Análise Psicológica, 1 (IV), 17-22.

Trautenberg, N. R. & Boizou, M.-F. (1984/ 1999). O Rorschach na clínica infantil. Lisboa: Climepsi.

Tustin, F. (1986/ 1994). Autistic barriers in neurotic patients. Londres: Karnac Books

Winnicott, D. W. (1971/ 1975). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago editora

ANEXOS

Sara, 8 anos

<p>I 2”</p> <p>1- É um cão... Apanhei um pássaro para trazer hoje... Amanhã vens? Tenho um fato de banho novo... Amanhã não venho... Ontem deitei sangue do nariz... quando estava a saltar à corda... Eu sei saltar à corda!</p> <p>2- Um cão não... um pássaro. Ontem vomitei... eu não bebo leite... Não quero mais...</p> <p style="text-align: center;">1.33”</p>		<p>G F- A</p> <p>G F+ A Ban</p>
<p>II 3”</p> <p>3. Ai! Tu pintaste! Está toda pintada... É um boneco... O Pedro ia morrendo no rio... eu não vou para o rio, pois não?</p> <p>4. É um pássaro... isto é o bico, isto é a boca... isto são as asas... está a voar para cima...</p> <p style="text-align: center;">1.50”</p>	<p>Bico (vermelho superior) Boca (vermelho inferior) Asas (parte negra)</p>	<p>G F- Obj</p> <p>G kan A</p>

<p>VI</p> <p>5''</p> <p>9- É um gato... tem o focinho e os bigodes. Quero saltar à corda contigo... Tu não entras em minha casa?</p>		<p>DG F- A</p>
<p>VII</p> <p>4''</p> <p>10- É um cão...</p> <p>11- É uma menina igual a esta... (agarra numa boneca) é irmã desta, mas não é minha irmã... Isto é o nariz, o focinho... tem o cabelo atado com uma corda... Depois vais brincar comigo lá fora? Só comigo está bem? Eu tenho uns sapatos novos.</p> <p>2'</p>		<p>G F- A</p> <p>D F- H/A</p>
<p>VIII</p> <p>6''</p> <p>12- É amarelo... azul, roxo e verde...</p> <p>13- Está mal... isto é um pássaro... isto é o focinho e as orelhas.</p> <p>50''</p>	<p>Focinho (parte cinzenta)</p> <p>Orelhas (parte rosa)</p>	<p>Nom.cor</p> <p>G F- A</p>
<p>IX</p> <p>10''</p> <p>14- É a Sofia... isto é tudo a cara dela... ela</p>		<p>G F- Hd</p>

<p>mora na casa dela... eu dou-lhe um murro... ela vai ver... ela diz que me vai bater...</p> <p>15- É o Nuno e a Raquel a dar um beijinho...</p> <p>1.49''</p>		<p>G K H</p>
<p>X</p> <p>15''</p> <p>16- Isto é amarelo... eu sei as cores, pois sei? Eu não como algodão doce... Eu vou às marchas... tenho um fato bonito. Tu também vais está bem? Hoje é dia 20? A Rita faz anos...</p> <p>18- Isto é azul. O que é? (dirigindo-se ao clínico)</p> <p>19- É um pássaro... tem focinho e asas... (toca no cabelo do clínico) Eu não sei atar o cabelo... tu sabes fazer caracóis no cabelo?</p> <p>1. 46''</p>		<p>Nom. cor</p> <p>Nom. cor</p> <p>D F- A</p>

Prova de escolhas:

Escolha + :

Primeiro refere todos os cartões e depois escolhe o cartão IX

Escolha - :

Não gostou do cartão IV. Agarra nele e diz: “Fogo! Toma!”